



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO PROFISSIONAL EM ESTUDOS
DE FRONTEIRA**



DÁBILA DE CÁSSIA BRITO DE MIRANDA

**RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE OS IMPACTOS DAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS QUE SEXUALIZAM O CORPO DA MULHER BRASILEIRA NO
CONTEXTO DE MOBILIDADE INTERNACIONAL**

MACAPÁ-AP
2022

DÁBILA DE CÁSSIA BRITO DE MIRANDA

**RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE OS IMPACTOS DAS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS QUE SEXUALIZAM O CORPO DA MULHER BRASILEIRA NO
CONTEXTO DE MOBILIDADE INTERNACIONAL**

Relatório Técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Fronteiras.

Orientadora: Professora Carmentilla das Chagas Martins, Dra.

MACAPÁ-AP
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)Biblioteca Central da Universidade Federal do
Amapá Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

Miranda, Dábila de Cássia Brito de.
M672r Relatório técnico sobre os impactos das representações sociais que sexualizam o corpo da mulher brasileira no contexto de mobilidade internacional / Dábila de Cássia Brito de Miranda. - 2022.
1 recurso eletrônico. 76 folhas : ilustradas.

Relatório Técnico apresentado como Dissertação (Mestrado em Estudos de Fronteira) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós- Graduação em Estudos de Fronteira, Macapá, 2022.

Orientadora: Professora Doutora Carmentilla das Chagas Martins

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências e apêndice.

1. Representações sociais. 2. Mobilidade internacional. 3. Mulheres imigrantes. 4. Corpo feminino. I. Martins, Carmentilla das Chagas, orientadora. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey, 22 edição, 304.89

MIRANDA, Dábila de Cássia Brito de. **Relatório técnico sobre os impactos das representações sociais que sexualizam o corpo da mulher brasileira no contexto de mobilidade internacional.** Orientadora: Carmentilla das Chagas Martins. 2022. 76 f. Relatório Técnico apresentado como Dissertação (Mestrado em Estudos de Fronteira) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós- Graduação em Estudos de Fronteira, Macapá, 2022.


DÁBILA DE CÁSSIA BRITO DE MIRANDA

**RELATÓRIO TÉCNICO SOBRE OS IMPACTOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
QUE SEXUALIZAM O CORPO DA MULHER BRASILEIRA NO CONTEXTO DE
MOBILIDADE INTERNACIONAL**


Relatório Técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Fronteiras.
Orientadora: Professora Carmentilla das Chagas Martins, Dra.

Aprovado em: 02 de Março de 2022.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 CARMENTILLA DAS CHAGAS MARTINS
Data: 16/08/2022 17:01:37-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Carmentilla das Chagas Martins
Presidente (Orientador)

Documento assinado digitalmente
 Daize Fernanda Wagner Silva
Data: 17/08/2022 14:55:57-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Daize Fernanda Wagner
Membro Interno (PPGEF/UNIFAP)

Documento assinado digitalmente
 MARIA ANGELITA DA SILVA
Data: 18/08/2022 15:10:19-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Maria Angelita da Silva
Membro Externo (INC/UFAM)

MACAPÁ/AP

2022

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi a realização de um sonho, mas mesmo os sonhos requerem contínua disciplina, muito foco e força.

Ao longo desses dois anos cursando o Mestrado Profissional de Estudos de Fronteiras, enfrentei muitos desafios na minha vida acadêmica e pessoal para concluir este trabalho. Assim, parafraseando um ditado africano que diz “para criar uma criança é preciso de toda a aldeia”, eu digo que para a construção deste trabalho também foi preciso toda uma “aldeia” que me deu forças, que me incentivou, me ajudou de diferentes formas e são as pessoas dessa aldeia a quem quero agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus, a toda espiritualidade que me dá forças diariamente para que eu me erga e me fortaleça na fé, pois foi Ele que transformou a minha vida e traz mais amor e mais fé ao meu caminhar durante esta existência.

À minha mãe, Carmem, pelo incentivo contínuo para a realização deste mestrado, por me ensinar a amar os estudos e a ver na educação sempre uma porta para o crescimento. Por sonhar comigo os meus sonhos e me incentivar a crescer academicamente, mas, sobretudo, na fé e na vida. Agradeço ao meu pai, David, por me mostrar a não ter medos de desafios, pelo incentivo e apoio a mim e aos meus estudos. Independentemente do lugar, pois as distâncias físicas nunca foram um impasse para que ele sempre demonstrasse sua confiança e amor por mim.

Aos meus avós maternos e paternos, Mirtes e Bendito (*in memoriam*) e Nazaré e Raimundo. Aos meus avós, eu agradeço por sempre me incentivarem a estudar, mesmo eles que não tiveram a oportunidade de terminar o ensino fundamental, sempre me apoiaram desde a graduação, com palavras amigas, conselhos e suas rezas constantes para que eu conseguisse seguir meus caminhos.

À minha namorada e amiga, Luiza, por todo apoio, incentivo, cumplicidade e amor que ela traz para a minha vida e para os meus sonhos, eu tenho sorte de viver a vida ao seu lado.

À minha orientadora professora. Dra. Carmentilla Martins, que, ao longo desses anos, por meio de suas orientações, consegui crescer junto a ela em uma amizade e admiração mútuas. Agradeço por aceitar romper padrões em conjunto comigo, seja em nossas pesquisas acadêmicas ou em nossas vidas.

Ao grupo de pesquisa Políticas Territoriais e Desenvolvimento (POTEDDES), organizado pelo professor Dr. Gutemberg Silva, por me ajudar desde o início deste

projeto, pelas trocas de conhecimento, pelo apoio e pela torcida para a realização final deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF), cujas aulas fomentaram debates e reflexões primordiais para a construção deste relatório.

Às amigas, Sabrina e Jéssica, por acreditarem em mim, por toda força e incentivo durante esse processo, desde a primeira pesquisa de campo, até mesmo em eventos, seminários, viagens, tudo no que elas poderiam me auxiliar para a conclusão deste sonho, que sonhamos juntas desde a graduação. À Amanda, Ana Eloisy, Marceli, Ayat e ao Eduardo pela confiança, amizade e amor nos momentos de felicidades e de desafios nesse processo.

Ao Mario, pela irmandade construída ao longo deste último ano, por todas as palavras de acolhimento e fortalecimento que proporcionaram força e clareza nessa caminhada.

À minha família, aos meus tios e tias, primos e primas por valorizarem e buscarem diferentes formas de me auxiliar nesse processo. Seja em uma palavra amiga, suas orações, suas conversas ou na produção técnica deste relatório técnico.

Aos amigos, Silvia e Marcos, pelo incentivo, apoio e pelas contribuições. Sempre gentis e generosos comigo nesta caminhada.

À banca de qualificação final, formada pelas professora Dra. Daize Fernanda Wagner, agradeço pelas contribuições gentis e muito importantes desde a primeira qualificação deste trabalho, quando ainda era um projeto. Agradeço à professora Dra. Maria Angelita da Silva por sua dedicação e pelas contribuições, sua cordialidade e apontamentos para o engrandecimento deste trabalho. Agradeço e fico muito feliz por ter a oportunidade de apresentar meu trabalho para uma banca tão potente e generosa.

Às minhas interlocutoras, cujas trajetórias, memórias e cujos conhecimentos transformaram minha percepção e me deram base para a escrita deste relatório.

RESUMO

Considerando a mobilidade de brasileiras para Guiana Francesa devido à condição fronteiriça Oiapoque (Brasil) e Saint-Georges (França), é possível perceber representações sociais referentes ao corpo da mulher brasileira, seus comportamentos e ações relacionados a uma sexualidade exacerbada. Objetiva-se neste relatório descrever os impactos das representações sociais que sexualizam os corpos das mulheres brasileiras em mobilidade internacional. Para tanto, a pesquisa foi realizada em um primeiro momento por meio de uma pesquisa bibliográfica baseada nas premissas teóricas de Denise Jodelet e Serge Moscovici sobre representações sociais que também auxiliou e conduziu a orientação metodológica para levantamento do material empírico. A coleta de dados resultou na presença de diferentes impactos nas experiências de mobilidade dessas mulheres, em especial situações de preconceito, xenofobia, agressão e assédio sexual, além de uma imagem estereotipada prejudicando a convivência social. A partir disso, chegou-se à conclusão de as representações sociais construídas sobre o corpo da mulher brasileira podem se tornar um fator de vulnerabilidade no contexto de mobilidade internacional.

Palavras-chave: Representações sociais. Mulher migrante. Mulher brasileira. Mobilidade internacional. Corpo.

ABSTRACT

Considering the mobility of Brazilian women to French Guiana due to the border condition of Oiapoque (Brazil) and Saint-Georges (France), it is possible to perceive social representations regarding the body of Brazilian women, their behaviors and actions related to an exacerbated sexuality. The objective of this report is to describe the impacts of social representations that sexualize the bodies of Brazilian women in international mobility. Therefore, the research was carried out at first through a bibliographic research based on the theoretical premises of Denise Jodelet and Serge Moscovici on social representations, which also helped and led to the methodological orientation for surveying the empirical material. Data collection resulted in the presence of different impacts on these women's mobility experiences, in particular situations of prejudice, xenophobia, aggression and sexual harassment, in addition to a stereotyped image harming social coexistence. From this, it was concluded that the social representations built on the body of Brazilian women can become a factor of vulnerability in the context of international mobility.

Keywords: Social representations. Migrant woman. Brazilian women. International mobility. Body.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração “Mulheres Indígenas no rio enquanto colonos as observam” ..	27
Figura 2 – Propagandas do Turismo no Brasil divulgadas pela Embratur.....	30
Figura 3 – Propagandas do Turismo no Brasil divulgadas pela Embratur nos anos de 1980	31
Figura 4 – Capa da <i>Revista VICE</i> sobre mulher brasileira	32
Figura 5 – Reportagem sobre mulheres brasileiras na <i>Revista VICE</i> em 2007	32
Figura 6 – Valéria Valenssa, primeira Globeleza no ano de 1990.....	35
Figura 7 – Imagens na <i>Revista Focus Multidisciplinar</i> , capa da edição 565, de 2010	37
Figura 8 – Mapa da Fronteira Franco-Brasileira.....	46
Figura 9 – Catraias no porto em frente à cidade de Oiapoque.....	48
Figura 10 – Em primeiro plano, as catraias em frente ao porto de Oiapoque e atrás a ponte Binacional Franco Brasileira.....	49
Figura 11 – Nuvem de palavras das representações sociais mais marcadas pelas interlocutoras.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número (em milhões) de mulheres migrantes internacionais no mundo todo, em meados dos anos de 1990 a 2019	43
Tabela 2 – Apresentação dos dados socioeconômicos das interlocutoras	53

LISTA DE SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Humana

Embratur – Empresa Brasileira de Turismo

PPGEF – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras

OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais

OMS – Organização Mundial da Saúde

POTEDES – Políticas Territoriais e Desenvolvimento

SisMigra – Registro Nacional Migratório

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CORPO DA MULHER BRASILEIRA.....	18
2 IDENTIFICANDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS QUE SEXUALIZAM O CORPO DA MULHER BRASILEIRA NO CONTEXTO DE MOBILIDADE INTERNACIONAL.....	42
2.1 PESQUISA DE CAMPO – ENTREVISTAS	50
2.2 MULHERES, MOBILIDADES E MEMÓRIAS	53
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE A – Entrevistas para Mulheres que Viveram uma Experiência de Mobilidade Internacional	75

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é o produto final apresentado para a obtenção de título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras (PPGEF) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Foi desenvolvido e estruturado com base em relatórios técnicos já apresentados anteriormente ao banco de dados do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras.

O trabalho foi construído a partir de experiências profissionais ao cursar o Mestrado em Estudos de Fronteiras, no qual tive a oportunidade de fazer uma pesquisa de campo que foi de suma importância em dois países, na Guiana Francesa e no Suriname, com o grupo de pesquisa no qual faço parte na Universidade Federal do Amapá, o Políticas Territoriais e Desenvolvimento (POTEDDES), que tem como dirigente o professor Dr. Gutemberg de Vilhena Silva.

Em um período de dez dias, no mês de maio do ano de 2019, partimos desde Oiapoque, município localizado no Extremo Norte do Amapá, atravessando as cidades de: São Jorge, Caiena, Kourou (cidades da Guiana Francesa) até chegar ao Suriname, na cidade de Paramaribo. Em uma viagem atravessando as fronteiras de barcos, catraias (uma pequena canoa que possui motor) e automóveis, com uma comitiva de 15 pessoas, entre professores, estudantes e outros pesquisadores da Universidade Federal do Amapá.

As vivências durante essa viagem me possibilitaram a perspectiva que até então eu não julgava como um problema de pesquisa. Ao participar das atividades programadas entre o grupo de pesquisa e a prefeitura de Kourou, que nos recepcionou quando chegamos a essa cidade, conheci algumas mulheres brasileiras que moravam na Guiana Francesa, especialmente na cidade de Kourou, há mais de dez anos. Essas mulheres relataram um pouco sobre suas experiências de interação e de sociabilidade na cidade.

Em nossa conversa, ficou latente a informação de como as mulheres brasileiras eram vistas em uma perspectiva inferior ou depreciativa, elas relataram a dificuldade em ter amizades, vida social e até mesmo problemas em encontrar trabalho formal devido ao preconceito que existe com as mulheres brasileiras naquele país. No decorrer da conversa, foi possível perceber que o preconceito não era somente por questões raciais, por exemplo, mas pelas representações do que significava ser uma mulher brasileira na Guiana Francesa. O que se tem de conhecimento prévio do que

me foi relatado por essas mulheres brasileiras é a concepção de que toda brasileira que migra para Guiana Francesa trabalha no mercado do sexo, que se prostitui ou veio para buscar algum relacionamento matrimonial.

As falas e as conversas com essas mulheres foram de grande relevância para o início da construção deste trabalho, além da minha experiência como mulher brasileira em mobilidade internacional, percebendo e sentindo impactos diferentes, não só por ser mulher, mas por ser o sujeito “mulher brasileira”.

Com isso e no decorrer do curso, as outras experiências acadêmicas contribuíram para que a temática se tornasse o problema de uma pesquisa que poderia ser desenvolvida. Importante ressaltar a relevância das disciplinas nas quais participei no PPGEF, em especial a disciplina “Diásporas, Etnicidades e Migrações em Situações (trans) fronteiriças”, ministrada pelo professor Dr. Handerson Joseph (PPGEF), além da participação de Dr. Cédric Audebert e da Dra. Marianne Palisse (Universidade da Guiana). Esses professores e pesquisadores da Universidade da Guiana Francesa, que tratavam em suas aulas sobre mobilidade internacional, em especial no contexto entre a Guiana Francesa e o Caribe, discutiam diferentes contextos que contribuíram para a compreensão da temática.

Além disso, a disciplina “Sociedade, Cultura e Fronteiras”, ministrada também pelo professor Dr. Handerson Joseph e pela professora Dra. Camila Risso, deu alicerce para a compreensão de fronteira diferente da questão física, geopolítica, trazendo à tona a lógica subjetiva da fronteira, e para trabalhar essa ligação com gênero e as mobilidades de mulheres. E para complementar, acredita-se que a disciplina “Cidades, Fronteiras e Mobilidades”, ministrada pela professora Dra. Carmentilla Martins, foi de grande relevância para a construção dessa problemática e para a ampliação do meu olhar frente à vivência que eu já experimentara fora do Brasil.

Também não posso deixar de pontuar a presença e a relevância das diversas reuniões presenciais e *on-line* do grupo de pesquisa POTEDES, no qual faço parte desde 2016, e que contribuiu e contribui ativamente nas minhas vivências como pesquisadora. Seja nas experiências de pesquisa de campo, seja nas apresentações e participações em eventos, em especial o evento “DYAGA: Dinâmicas de circulação de bens e pessoas e planejamento territorial na fronteira guyano-amapaense”, no qual aconteceu a primeira apresentação deste trabalho, quando ainda era um projeto inicial.

Assim, a partir desse percurso de experiências e da compreensão teórico-metodológica, parte-se da hipótese de que durante a história brasileira foram construídas representações sociais sobre os corpos das mulheres brasileiras, isso tudo associado à sexualização, à erotização de seus corpos e aos comportamentos sociais que geraram impactos no contexto de mobilidade internacional.

Diante do exposto, destaca-se que o objetivo deste Relatório Técnico está pautado em descrever os impactos das representações sociais que sexualizam os corpos das mulheres brasileiras no contexto de mobilidade internacional. Para atingir esse objetivo, foi estruturado o percurso metodológico, sendo assim, na primeira seção, encontra-se uma reflexão sobre os princípios teóricos relativos às representações sociais e à construção social da realidade sobre as mulheres brasileiras.

Este relatório foi elaborado com base nas obras de Denise Jodelet (2002; 2017), de Serge Moscovici (1976; 2015), que tratam sobre a construção das representações sociais e de como se manifestam na vida pública e no pensamento social, foi possível construir o material empírico. Na segunda seção foi utilizada uma literatura empírica, produzida pelas pesquisadoras Maria Badet (2011; 2016a; 2016b), Isabele Hidair (2008), Marina Gomes (2013) e Roberta Peres (2004). Essas autoras identificam as representações sociais que sexualizam os corpos das mulheres brasileiras, mostrando os impactos na experiência de diferentes mulheres e, sobretudo, em diferentes países.

Também na segunda seção estão os dados coletados a partir de uma pesquisa de campo nas cidades de Macapá, no Amapá, e na cidade de São Jorge, na Guiana Francesa. Essa pesquisa foi realizada no período de junho a setembro de 2021, por meio de questionário *on-line*. Inicialmente, a intenção era a de aplicar essa pesquisa *in loco*, no entanto, cerca de um mês após a qualificação do antigo projeto, no dia 11 de março de 2020, foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a pandemia mundial do novo Coronavírus, o SARS-CoV-2.

A pandemia mudou completamente a vida no mundo todo, populações inteiras precisaram se isolar em casa e evitar qualquer tipo de atividade comercial, física ou social por meses. Países completamente fechados para entrada de outras pessoas se não nativos, rigorosos métodos para evitar o contágio e o uso obrigatório de máscaras faciais cobrindo boca e nariz. Tudo isso mudou a forma de viver, de estudar

e de pesquisar. Assim, a pesquisa modificou os métodos para se adaptar a toda mudança de vida que ocorreu no mundo.

Apesar da mudança na vida das pessoas do mundo todo e na pesquisa científica, após novas estratégias para a coleta dos dados e readaptações para evitar o contato, respeitando o distanciamento social, foi realizada a pesquisa de modo *on-line*, para tanto, foram utilizadas duas plataformas que permitiram a realização das entrevistas: Google Meet e WhatsApp, porém, a seleção desses recursos estava alinhada às necessidades do trabalho e ao perfil das participantes.

A pesquisa foi realizada a partir de um questionário semiestruturado com perguntas discursivas e objetivas para mulheres de 21 a 40 anos, brasileiras, que partiram do seu país de origem para vivenciar alguma experiência de viagem internacional, permanecendo pelo mínimo tempo de um mês, no período de 2010 a 2020. A escolha do período foi baseada no mais recente relatório anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2020).

Esse relatório destaca o aumento da migração de mulheres para o Brasil e também para fora do país entre 2010 e 2019, nele consta que foi um total de 268.674 mulheres registradas. Nesse mesmo relatório do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), foi possível observar o aumento da imigração de mulheres sul-americanas e caribenhas para o Brasil a partir do final da segunda metade da década (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

Corroborando com a pesquisa, a faixa etária escolhida para as entrevistadas se baseou nesse mesmo relatório que aponta que as mulheres que estão em mobilidade internacional estão entre as faixas etárias de 15 a 25 anos, 26 a 40 anos, no período de 2010 a 2019. Esses dados foram computados a partir do Registro Nacional Migratório (SisMigra), da Polícia Federal.

As entrevistas ocorreram via aplicativos Google Meet e WhatsApp nos meses de junho a agosto de 2021 e duraram em média duas horas, de acordo com cada entrevistada, visto que foram trabalhadas as memórias das mobilidades de cada entrevistada, e isso requer tempo em cada pergunta e a aplicação de palavras-chave de acordo com o foco de cada sessão de perguntas.

Cada entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e foi disponibilizada uma cópia para as participantes possuírem acesso de maneira *on-line*. Com as perguntas, foram caracterizadas algumas informações das interlocutoras, como: idade, empregabilidade, formação educacional.

O foco dessas entrevistas foi identificar as principais representações sociais que elas apontaram a partir de sua vivência como mulher brasileira em uma experiência fora do Brasil. A partir da construção desses dados, foi possível descrever os impactos dessas representações que sexualizam os corpos e as ações da mulher brasileira.

Assim, para que as interlocutoras pudessem apontar as palavras que historicamente são identificadas como representações sociais que sexualizam o corpo da mulher brasileira, foi criada uma nuvem de palavras na estrutura das perguntas do questionário, o qual elas tiveram acesso. Tal ação foi inspirada no trabalho realizado e na metodologia utilizada por Dorfman, França e Rocha (2016), que apresentam a catalogação dos dados do Portal Unbral Fronteiras (teses e dissertações) dos anos de 2000 a 2014. Os autores utilizaram os *softwares* Gephi e Wordclouds para a catalogação de seus dados.

Esses dados formam um conjunto com as seguintes palavras: seios fartos, sexy, bumbum grande, mulher fácil, corpo sensual, vulgar, interesseira, bumbum brasileiro, calcinha brasileira, biquíni brasileiro, depilação à brasileira, gostosa, boca carnuda, corpo violão, simpática, prostituta. As interlocutoras marcavam, contavam suas histórias e descreviam o impacto das palavras marcadas. Percebeu-se que os principais impactos são situações de preconceito, xenofobia e agressão e a imagem estereotipada que prejudica a convivência social. Alguns relatos também pontuam assédio sexual e agressões físicas.

Esses dados foram analisados a partir dos trabalhos empíricos já citados de Maria Badet (2011; 2016) Isabel Hidair (2008), Marina Gomes (2013), Roberta Peres (2004), mas, em especial, foi o trabalho de Maria Badet (2016b) que produziu o mapeamento dos principais problemas vividos pela diáspora brasileira no que tange ao gênero e à sexualidade em diferentes países do mundo.

Importante pontuar que os resultados deste Relatório Técnico têm o intuito de trazer à tona dados, estruturas e lógicas para se pensar a fronteira de forma transversal e multidisciplinar. Já que é essa a proposta do Mestrado Profissional em Estudos de Fronteiras (PPGEF), além de ser o segundo mestrado em Ciências Humanas no Estado do Amapá a responder a essa demanda reprimida na região.

Assim, ressalta-se que este trabalho buscou compreender a temática da fronteira em convergência a outros debates, como as representações sociais, as

mobilidades e o que significa ser uma mulher brasileira nesse contexto fronteiriço nos diversos debates e análises, sejam eles teóricos, narrativos ou epistemológicos.

A contribuição deste relatório se destaca pelo seu caráter acadêmico e por apresentar uma temática multidisciplinar, com dados e debates atuais e relevantes para se pensar os estudos de fronteira. Contribui, ainda, para a sociedade por se tratar de um material importante na promoção de políticas públicas em cidades localizadas em áreas de fronteira internacional, com especial atenção à região das Guianas, complexo do qual fazem parte Brasil, Guiana Francesa-França, Suriname, República da Guiana e Venezuela.

1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O CORPO DA MULHER BRASILEIRA

Este capítulo apresenta a Teoria das Representações Sociais, que será utilizada para explicar as representações sociais construídas ao longo da história. Essa construção tem duas perspectivas, uma é teórica, que confere inteligibilidade, e a outra social, que se pauta em uma representação sexualizada do corpo a mulher brasileira. Pretende-se aqui identificar como essas representações sociais são construídas ao longo do tempo, perpetuando estereótipos e preconceitos sobre os corpos das mulheres brasileiras.

Utilizou-se como base para essa discussão uma pesquisa bibliográfica pautada em trabalhos que correlacionam a Teoria das Representações Sociais, em especial as obras de Serge Moscovici (1976; 2007) e de Denise Jodelet (2002; 2018). Além do uso da Teoria das Representações Sociais, também se destacam os trabalhos de Hidair (2008), Badet (2016a; 2016b; 2011); Bastos (2021) e Mota-Ribeiro (2003) que versam sobre a relação das representações sociais e o corpo da mulher brasileira. Além das mídias utilizadas para exemplificar essa relação, com ilustrações, revistas, imagens.

A escolha pela utilização dessas pesquisas como bases teóricas está pautada na correlação da Teoria das Representações Sociais com a estruturação teórica que identifica a construção de representações que sexualizam os corpos das mulheres brasileiras. Nessa lógica, partiu-se da hipótese de que ao longo da história brasileira foram identificadas representações sociais sobre os corpos das mulheres brasileiras que passaram a significar a percepção dessas mulheres sobre a sexualização, a sensualidade, a libertinagem, já que isso pode gerar impactos na vida delas no contexto de mobilidade internacional.

Sendo assim, faz-se uma primeira apresentação do termo Teoria das Representações Sociais, a fim de conceituá-lo e de explicitá-lo a partir dos autores que versam sobre essa temática. A Teoria das Representações Sociais utilizada nesse trabalho é compreendida e desenvolvida a partir de Serge Moscovici em 1961 e está ligada à Psicologia Social. No entanto, para a construção desse termo, Moscovici correlaciona seu trabalho ao conceito de representações coletivas, vinculado à sociologia e criado por Emilie Durkehein no ano de 1898.

Para Emilie Durkehein, as representações coletivas eram compreendidas como formas de pensamento que a sociedade elabora para expressar sua realidade. Essas

formas são incorporadas e interiorizadas pelos indivíduos na vida em sociedade por meio de normas, regras que formam a estrutura social (MORIGI, 2004, p. 4). No entanto, o pensamento não é único dentro de uma sociedade, pois, com as representações coletivas, são criados os sistemas de representação coletivos que criam percepções e juízos de valor sobre modos de pensar.

A abordagem de Emílie Durkheim está pautada na representação coletiva de estudos sobre religião que apresentava tradições culturais e instituições sociais fixas. Essas estruturas eram responsáveis por sociedades mais sedimentadas, assim Emílie Durkheim evidenciou em seus estudos um caráter imóvel das representações coletivas, estático, diferente da noção de representações sociais de Serge Moscovici, que compreende as representações sociais a partir de seus aspectos mutáveis e dinâmicos, uma construção a partir da relação dos indivíduos e de suas estruturas.

As representações sociais são compreendidas por Serge Moscovici (2007) como as formas de conhecer e de se fazer conhecer um objeto, uma estrutura, que são legitimadas pelo senso comum. São entendidas também como um fenômeno de sentido dinâmico, visto que elas se apresentam tanto pelo processo em que são elaboradas quanto pelas estruturas de conhecimento que são estabelecidas.

As representações sociais surgem em um primeiro momento na tese de doutorado de Moscovici “La Psychanalyse, son image, son public”, no ano de 1961, na França, pode-se dizer que é a partir dessa data que elas surgem como teoria. Já no ano de 1976, Moscovici atualiza a tese e a publica em forma de livro (MOSCOVICI, 1976).

Moscovici produziu o conceito de representações sociais, como trata em seu livro, “pelo poder das ideias”. Seu trabalho consistiu em estudar como e por que as pessoas partilham o conhecimento e, desse modo, constituem sua realidade comum, ou seja, como essas pessoas transformam ideias em práticas (OLIVEIRA, 2004). É importante destacar que diversas áreas do conhecimento passaram a utilizar esse conceito.

Em sua obra, Moscovici (1976) aponta que as representações sociais são capazes de construir o “real”. Corroborando com as ideias de Moscovici, Jordelet (1993) destaca que existem formas diferentes de se conhecer e de se comunicar e que são móveis, guiadas por objetivos diferentes. Esses autores definem duas delas predominantes na nossa sociedade: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo.

Arruda (2002) também discute esse assunto, afirmando que sim são duas dimensões da vida social em que se manifestam tais formas, a consensual, que está correlacionada à vida cotidiana e à conversação informal, e a científica, com toda uma estrutura de linguagem e de hierarquia interna.

As duas formas são de total relevância, visto que possuem propósitos diferentes. No entanto, as representações sociais que são construídas frequentemente estão na esfera consensual. Nessa estrutura, há uma sociedade na qual todos podem falar com a mesma competência que está ligada ao senso comum, há uma consciência coletiva diferente da esfera científica em que há especialistas, graus de compreensão e participação da ciência.

Como processo, as representações sociais produzem significados que tornam a realidade compreensível. Para Moscovici (2015), o propósito de todas as representações é tornar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, familiar. Com isso, as representações sociais buscam não somente compreender um objeto particular, mas também entender como um grupo ou indivíduo adicionam uma definição, uma identificação para expressar algo (MOSCOVICI, 2015).

Jodelet (1993) contribui com esse pensamento, por isso, ela alega que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana, já que nos guiam na maneira de nomear e de definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana e na forma de interpretá-las, de estatui-las e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e de defendê-las. Colaborando com essa premissa, Moscovici (2015, p. 46) então destaca um dos papéis mais relevantes das representações sociais ligadas à comunicação, que é quando a representação social “[...] iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem”.

Assim, pode-se compreender que as representações baseadas em influências sociais da comunicação formam as realidades da vida cotidiana e se moldam para que ocorram as associações de uns com os outros. Moscovici (2015), por compreender o termo Representações Sociais a partir da psicologia social, entende que o conhecimento é resultado da interação e da comunicação dos indivíduos, por isso, ele percebe: “[...] as representações sociais como uma forma característica da nossa era [...]”, ou melhor, “[...] como um fenômeno, o que era antes um conceito” (MOSCOVICI, 2015, p.10).

Para Moscovici (2015), as Representações Sociais são um fenômeno porque, pelas suas análises, o foco de sua Teoria das Representações Sociais abarca as

questões de como as coisas mudam na sociedade, os processos pelos quais objetos ou ações se tornam significantes na vida social. Nesse sentido, as Representações Sociais são capazes de estabelecer significações para o mundo material e social, além de possibilitarem a comunicação entre membros de uma mesma comunidade a partir da nomeação de vários aspectos da vida em sociedade.

As Representações Sociais têm operabilidade devido às suas características informativas, cognitivas, ideológicas, normativas, as quais constituem crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. São objeto do aporte da antropologia, da sociologia e da história. Nas pesquisas desenvolvidas nesses campos, as Representações Sociais são tomadas como “[...] operadores simbólicos e lógicos da vida social [...]” (JODELET, 2018, p. 428).

Arruda (2002), inspirada nas obras de Serge Moscovici, destaca que as Representações Sociais buscam captar ‘um fenômeno móvel, por vezes, volátil ou rígido, e sua complexidade dificulta a captação’. Perceber uma representação social é fácil, mas defini-la, nem tanto (ARRUDA, 2002, p. 138).

Pode-se trazer à discussão um exemplo que Jodelet (2002) utiliza no caso das representações sociais da AIDS. Quando a síndrome surgiu na década de 1980, não se sabia muito sobre contágio, os sintomas, as sequelas e o tratamento. Desse modo, a mídia e a sociedade estavam lidando com algo desconhecido, e, antes das pesquisas científicas explicarem como acontecia o contágio e como ocorria a prevenção, foram criadas algumas “teorias” com base nos dados de que dispunham sobre “[...] os portadores (drogados, hemofílicos, homossexuais, recebedores de transfusões de sangue) e os vetores (sangue, esperma) do ‘mal’” (JODELET, 1993, p. 32).

Com base no que se sabia sobre a transmissão da doença e de seus portadores, criou-se algumas concepções morais e sociais sobre a doença. Com isso, as percepções sobre a AIDS foram pautadas em uma doença-punição, baseada nos comportamentos e na vida íntima dos portadores (que a mídia indicava). Assim, a AIDS era percebida e apropriada a partir das vivências anteriores da sociedade, com concepções de ordem moral e conservadora e valores cristãos contra a liberdade sexual. Dessa forma, a visão moral converteu a AIDS em estigma social que produziu o ostracismo dos portadores da síndrome e, ato contínuo, sua rejeição. Por outro lado, os estigmatizados ou excluídos foram induzidos à submissão ou à revolta (JODELET, 2002).

Com essas inferências, Jodelet (2002) explica que as Representações Sociais servem para a agência dos indivíduos sobre o mundo e os outros, pois elas compõem um conjunto de ideias e de concepções capazes de influenciar diretamente na estrutura de um objeto ou na vida das pessoas. As Representações Sociais são capazes de criar um conhecimento que é compartilhado socialmente e interpretado em diferentes dimensões sociais. Contudo a autora lembra que colocar em circulação uma determinada representação é um ato de vontade do indivíduo: para partilhar é preciso acreditar (JODELET, 2002).

Portanto, as representações podem ser abordadas objetivamente em conversas, servem para tornar a comunicação possível: “As representações podem ser o produto de uma comunicação, mas também sem as representações sociais não haveria comunicação [...]” (MOSCOVICI, 2015, p. 22). A relação entre comunicação e representações sociais apresenta diferentes arranjos, desde a conversa informal de um grupo dentro da sociedade até as diversas formas de mediação, como as telenovelas, os filmes, os documentários, os *reality shows*, as músicas, tudo que envolva a disseminação de informações pelos meios de comunicação em massa (MORIGI, 2004).

Segundo Morigi (2004), os meios de comunicação em massa se colocam como um componente cultural importante na Teoria das Representações Sociais, pois as representações sociais se encontram tanto nas mentes dos indivíduos, quanto nos meios de uma sociedade, sendo necessário analisá-las e exemplificá-las nos diferentes lugares.

A representação social é uma forma de saber prático que faz a conexão entre o sujeito e um objeto, mantendo com este último uma relação de simbolização e de interpretação; na primeira função, ela denota o objeto, na segunda lhe confere significado (JODELET, 2002). Presume-se que uma reflexão apoiada em representações sociais como categoria analítica deve atentar para a ideia de que elas se encontram nas bases sociais das formas de pensar, de ver, de sentir e de agir (JODELET, 2002).

No entanto, para a compreensão de uma dada representação social é necessário buscar qual ou quais foram as representações sociais anteriores que modelaram a mudança dessa representação social que se deseja compreender. Moscovici (2015, p. 41) destaca: “seja o comportamento, seja da estrutura social, uma

representação muitas vezes condiciona ou até mesmo responde a outras representações”.

Acontece que as representações sociais são históricas, por isso se autonomizam em relação aos indivíduos no curso do tempo. De acordo com Moscovici (2015), tem-se uma representação social de origem coletiva, tendo também um objeto coletivo e que, ao longo do tempo e das tradições, é compartilhado por todos de uma sociedade, assim as representações sociais constituem uma realidade social *sui generis* (esse termo pode ser compreendido como algo único).

No tocante às representações sociais, pode-se compreender que quanto mais a origem de uma representação social é esquecida, mais forte ela se torna, pois ela ganha um caráter material, além de interpretar tal objeto, também se materializa nas suas formas e ações. Isso é possível compreender por meio deste destaque: “O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. Cessa de ser efêmero, mutável e mortal e torna-se, em vez disso, duradouro, permanente quase imortal” (MOSCOVICI, 2015, p. 41).

Se ao longo dos anos um objeto, as pessoas ou uma comunidade são conhecidos com determinada representação social, isso é perpetuado de acordo com todas as esferas sociais, culturais, políticas e organizacionais. Segundo Moscovici (2015, p. 46), as representações sociais possuem “[...] duas faces, como uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica; representação: imagem/significação fazendo com que uma ideia seja compreendida sempre a partir de uma imagem”.

Assim, a Teoria das Representações Sociais é organizada em torno da premissa relativa à existência de múltiplas formas de conhecer e de se fazer conhecer, as representações sociais são de suma importância no processo de criar sentidos, já que garantem formas de percepção, sendo esta decorrente da manifestação de distintas intencionalidades (JODELET, 2018).

Nesse sentido, compreendendo que as representações sociais são como sistemas de interpretação que os indivíduos possuem em relação ao mundo, parte-se da hipótese de que as representações sociais referentes ao corpo da mulher brasileira, historicamente, foram construídas e pautadas na sexualização de seus corpos e ações. Pode-se identificar essas representações publicitadas em diferentes meios de comunicação, como rádio, televisão, internet; e em discursos, como novelas, letras das músicas, notícias, propagandas (MORIGI, 2004).

Segundo Ribeiro (2001), imaginários com relação ao Brasil foram construídos a partir de uma visão tropicalista baseada na chegada dos portugueses no processo de colonização do Brasil. Como exemplo tem-se a mulher nativa descrita nas cartas como uma mulher sensual, com seus corpos nus. E, ao longo da história brasileira, esse imaginário sobre o corpo da mulher e a visão tropicalista do país foi ressaltado e propagado por diferentes meios, tanto no Brasil como internacionalmente (BADET, 2016b).

Esse imaginário sobre a mulher brasileira é destacado na Carta de Pero Vaz de Caminha¹. Nessa carta, são citadas meticulosamente “as vergonhas” das mulheres indígenas, fomentando um imaginário de erotismo, de beleza e de sexualidade aflorada.

Na carta, a mulher nativa é retratada como exótica e, em certo trecho, ela é comparada à mulher europeia por meio de discurso com forte apelo sexual: “E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que as muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela”.

O imaginário, segundo Laplatine e Trindade (2017), é um processo construído a partir de imagens baseadas em experiências visuais anteriores. Isso acontece porque o pensamento é sempre de natureza perceptiva, mesmo quando se criam imagens para identificar um objeto, não é objeto em si, mas o aspecto que se compreende desse objeto. Assim, as imagens sobre os corpos das mulheres brasileiras que foram construídas ao longo da história do Brasil são as perspectivas para essas mulheres, já que reforçaram a construção de representações sociais próprias quando se tem uma mulher brasileira em mobilidade fora do Brasil.

Badet (2016a), autora que desenvolve trabalhos marcados por tratar imaginários sobre o Brasil e o papel da mídia, afirma que a construção desse imaginário tem refletido na vida de mulheres brasileiras em seu processo de mobilidade fora do Brasil. Na experiência dessas mulheres, há um repertório de representações já preestabelecidas com relação aos seus corpos e às suas ações.

¹ Pero Vaz de Caminha escreveu “A Carta” registrando suas impressões sobre a terra que depois foi chamada de Brasil. Este é o primeiro documento escrito da história do Brasil que pode ser consultado em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf.

Badet (2011; 2016a) ressalta que as mídias têm funcionado como instâncias de construção e de mediação de imaginários e, a partir disso, corroboram com a ideia de se criarem estereótipos sobre o Brasil. Nessa relação, há então uma construção social do que é a realidade que é midiaticizada em diferentes meios. A realidade é reduzida há um discurso formatado, produzido para ser veiculado em mídias de grande alcance. A midiaticização influencia nas relações sociais à medida que transforma a ordem da vida cotidiana, criando novos valores, novas formas de interação que constituem as práticas sociais, culturais e as formas de exercícios do poder (MORIGI, 2004).

Nesse processo, Morigi (2004) destaca que as influências sociais da comunicação no processo das representações sociais servem como meio para estabelecer ligações e conexões significativas com as quais nos relacionamos e interagimos uns com os outros. Na interação da mídia com as representações sociais, percebe-se como ela é organizada pelos meios na construção de produtos midiáticos, resultando na cultura do senso comum, mas também na cultura em geral.

A mídia então é capaz de tornar viável e claro diversos discursos, possibilitando a leitura de acontecimentos sociais, que surgem por conta da tecnologia que garante estrutura para as mídias. No entanto, isso tudo ocorre a partir de uma ótica própria, o que pode trazer um cenário de banalização, focado apenas no consumo das informações e ignorando a singularidade dos diversos campos e atores sociais (MORIGI, 2004).

Sendo assim, a relação da comunicação com as representações sociais se estrutura de outras formas, não somente como instrumento cultural. As representações sociais são elementares no processo de produção de sentidos, visto que a partir delas se determinam as formas de percepções, de ações e de práticas (JODELET, 2017).

Diante dessas concepções, tem-se outro exemplo que também funciona como campo estruturado e estruturante para a construção das representações sociais sobre o corpo da mulher brasileira. É a obra “Casa Grande & Senzala”², escrita por Gilberto

² *Casa Grande & Senzala* é uma obra de Gilberto Freyre, um dos mais importantes cientistas sociais do século XX. Sua obra foi de grande influência para o pensamento social brasileiro, desde sua publicação em 1933 até este ano, a obra foi reeditada e traduzida em diferentes línguas e com grande renome internacional inúmeras vezes. Foi condecorado como Doutor Honoris Causa pelas universidades de Pernambuco, Rio de Janeiro, Coimbra (Portugal), Paris (França), Sussex e Oxford (Inglaterra) e Münster (Alemanha). Para mais informações, acessar:

Freyre em 1933, a partir da qual, foi se organizando uma matriz conceitual, fundamentada na sexualização do desenvolvimento sócio-histórico brasileiro, bastante divulgada, tanto nacional como internacionalmente. A obra acabou por se tornar referência no conhecimento sobre o Brasil e sua população (SANTOS, 2014).

Nessa obra de Freyre, demonstrou-se, a partir de seus escritos, uma nova perspectiva da relação das diferentes “raças” presentes no Brasil, já que, no momento histórico-social em que a obra original foi publicada, o pensamento eugenista estava sendo bastante disseminado, principalmente na Europa. Com isso, a obra trouxe à tona uma valorização da mestiçagem para a formação cultural brasileira (SANTOS, 2014).

Em “Casa grande & Senzala”, Freyre (2006) obteve grande impacto na abordagem da época e repercussão internacional. A obra foi publicada em mais de dez idiomas diferentes e gerou repercussão por mostrar a estrutura da formação brasileira, indicando hábitos e costumes, além de relatar sobre a sexualidade do povo brasileiro.

Freyre (2006), ao tratar sobre as vivências cotidianas nos engenhos da região açucareira do Nordeste do Brasil, caracterizou o colonizador português como um tipo contemporizador no relacionamento com indígenas e negros, esse comportamento decorria das imanenças herdadas do período em que a Península Ibérica foi objeto de ocupação do Islã.

A população ibérica, antes da chegada ao Brasil, tinha imagens e concepções advindas da convivência com os mouros³ que resultou na construção de representações sobre a mulher moura, de corpo curvilíneo, lábios carnudos e pele escura. A imagem da mulher moura veio a compor o pensamento do colonizador na fundação de uma sociedade nos trópicos, de maneira que o “[...] ambiente em que começou a vida brasileira foi quase de intoxicação sexual [...]” com mulheres da terra se entregando nuas aos “[...] brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses” (FREYRE, 2006, p. 161).

As histórias sobre as mouras encantadas provenientes dos ibéricos ganha uma nova perspectiva quando chegam ao Brasil e os colonizadores encontram as mulheres

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/07/gilberto-freyre-5-pontos-para-entender-importancia-do-sociologo.html>.

³ Entre os anos de 711 e 713, parte da Península Ibérica, compreendida pelos territórios de Portugal e Espanha, era pertencente ao território árabe, que influenciou os costumes, a cultura e a arquitetura dos povos portugueses e espanhóis.

indígenas, pois a personagem era apresentada em seus mitos como uma mulher exuberante, com seus cabelos e olhos pretos e com grande apelo sexual, e vista pelos homens na beira dos rios banhando-se (NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020).

Para exemplificar, apresenta-se a ilustração elaborada por Ivan Wash Rodrigues, adaptação de Estevão Pinto (2005), da obra “Casa Grande & Senzala”, para um livro em quadrinhos. A imagem indica expressamente a ideia que os colonos possuíam sobre as mulheres indígenas e seus corpos.

Figura 1 – Ilustração “Mulheres Indígenas no rio enquanto colonos as observam”



Fonte: Ilustração de Rodrigues em Pinto (2005)

A construção dessa imagem sobre as mulheres indígenas tem papel estruturante para representações sociais baseadas no corpo das mulheres brasileiras ao longo da história, pois, para a compreensão e estruturação dessas representações, é preciso utilizar imagens que componham essa percepção. Segundo Nogueira e Sampaio (2020), caracterizar as mulheres indígenas a partir do mito da “Moura Encantada” era uma forma de legitimar a falta de pudor e de dizer que abaixo da linha do equador tudo era permitido.

Nesse contexto, tem-se a ótica do colonizador que vê o Brasil como um paraíso tropical. Nesse ponto de vista, os ibéricos classificaram homens e mulheres indígenas como “os diferentes” para, assim, justificarem o ato de subalternizar, influenciar e escravizar. Desse modo, os homens nativos eram colocados como monstros ou

preguiçosos, e as mulheres, como prostitutas, portanto, esse povo em geral não poderia viver sem os colonizadores (NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020).

Freyre (2006) ainda reforça esse pensamento ao dizer que as mulheres indígenas por qualquer bugiganga ou caco de espelho se entregavam de pernas abertas aos colonizadores. O exotismo e o apelo sexual são explícitos nessas representações das mulheres indígenas, que são inseridas no contexto da colonização com seu interesse sexual no colonizador. Ao discutir a relação entre feminino e masculino em “Casa grande & senzala”, Quintas (2008, p. 25, grifos da autora) argumenta que:

A mulher índia, indefesa, logo se encantou diante da “excentricidade” do Ocidente. Atraiu-se por ninharias. O europeu trazia a “modernização”, o progresso, as vantagens de uma mágica civilização. Fechou os olhos essa mulher ingênua para possíveis desacertos e lançou-se freneticamente à loucura da cupidez. De tudo fez para copular. E copulou.

Nesse trecho tem-se a compreensão de que as indígenas foram colocadas por Gilberto Freyre no processo de colonização apenas como corpos, com interesses sexuais aflorados em busca do colono e do progresso que ele trazia. Quintas (2008) ainda retrata nesse primeiro momento um quadro de intoxicação sexual, nos termos freyrianos, como se a libido da mulher se exacerbasse quase que ensandecidamente diante do potente pênis europeu.

Freyre (2006), com seus escritos em “Casa Grande & Senzala”, ganhou notoriedade ao longo da história brasileira. Com isso, observa-se como seus escritos alicerçam concepções sobre os corpos, as características do que se entende por mulher brasileira, e essas características por sua vez passam a contribuir para a compreensão do corpo para além da dimensão individual e psicológica, esclarecendo o papel do conhecimento compartilhado nas concepções sobre o corpo (CAMARGO *et al.*, 2011). Assim, a representação do que eram os corpos de mulheres negras e indígenas também está ligada à elaboração da identidade de um grupo específico.

Quintas (2008), tal como Freyre (2006), naturalizou imaginários sobre os corpos das mulheres brasileiras, indicando continuamente uma sexualidade exacerbada, uma ligação contínua à sexualidade e ao erotismo. Percebe-se que, nos trechos destacados, as mulheres nativas são evidenciadas a partir de uma lógica mais objetificada, já que, na lógica patriarcalista, a mulher tem papel subalterno, sobretudo aquelas que são consideradas desonradas (ALGRANTI, 1993).

A honra então era um código de valor para as mulheres com *status* e relações sociais, como acontecia no período colonial, os privilégios e os direitos eram determinados pelo *status* dos indivíduos. Nesse sentido, as escravas e as mulheres indígenas eram mulheres desonradas, tem-se uma lógica de censura sobre as mulheres, pautado na repreensão do corpo dessas tidas como honradas e desonradas (ALGRANTI, 1993).

Freyre (2006) apresenta em seus escritos que o homem branco e dono de terras usufruía de uma lógica de poder não somente econômico, mas político e simbólico frente à família patriarcal. Isso incluía as esposas, os escravos e todos que estavam abarcados nessa estrutura.

A preservação da honra e da virtude feminina era fundamental na estrutura patriarcal que reflete os valores morais e culturais da época. Nessa estrutura, as mulheres deveriam ser submissas aos homens, honradas e manter a relação de poder. A honra é caracterizada como algo vinculado claramente à sexualidade da mulher e ao controle dos impulsos sexuais. Para as solteiras, honra era sinônimo de castidade; para as casadas, a honra se apresentava revestida de fidelidade ao marido (ALGRANTI, 1993).

As mulheres negras e indígenas, que nessa estrutura não possuíam honra, eram tratadas com desprezo pelos homens da colônia, na mentalidade dominante dos brancos, mulheres negras escravas e mulheres indígenas não eram mulheres cuja virtude merecesse atenção, embora pudessem sentir-se violentadas e injuriadas (ALGRANTI, 1993).

Relevante ressaltar que a obra de Gilberto Freyre teve o intuito de trazer a perspectiva da vida dentro da sociedade brasileira sob o regime de economia patriarcal, além de sua inovação na metodologia indicada por meio de diários íntimos, cartas, cadernos de receitas, livros de viagens, Gilberto Freyre discorreu sobre as diferentes mulheres presentes nessa sociedade e sobre abordagens das questões femininas, tal como sexualidade, casamentos e maternidade.

Em seus escritos, as ideias que apontavam e as imagens que se ligavam a elas foram compondo o imaginário dessas mulheres que eram consideradas desonradas. Essas abordagens contribuem para uma sexualização da mulher nativa, e, no decorrer do processo histórico, percebe-se que esse entendimento se estenderá às mulheres negras trazidas ao Brasil pelo escravismo colonial. Assim, as discussões demonstram

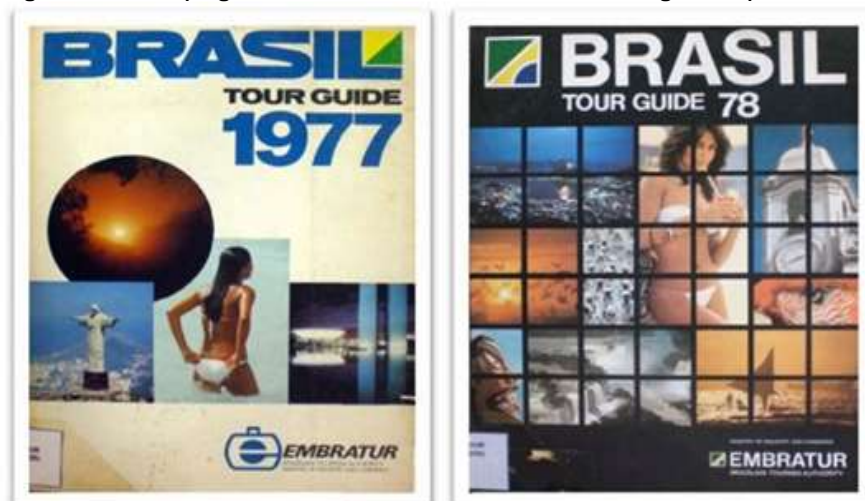
a produção de um corpo colonial, alvo da opressão dos colonizadores, um corpo visto como disponível (GOMES, 2013).

Isso também é reflexo de uma lógica racista e de uma hipersexualização de corpos de mulheres negras e indígenas pelos colonizadores. Como resultado, no Brasil, essas mulheres historicamente carregaram representações sociais sobre seus corpos, e isso não perpassa apenas uma dimensão individual, mas sim coletiva por ser algo que foi representado e legitimado por tantos anos.

Esses imaginários sobre os corpos foram estruturados no período colonial e, ao longo da história, se perpetuaram imagens errôneas sobre o que significa ser uma mulher brasileira tanto no Brasil quanto no mundo. A partir dessas imagens e com a grande participação da mídia como um dos alicerces para as representações sociais, percebe-se a correlação das mulheres brasileiras com corpos que exprimem sensualidade e “comportamento alegre” (BADET, 2016a).

Ratificando essa interpretação, tem-se como exemplos as propagandas comerciais publicizadas pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), que foi criada em 1966 durante o período da Ditadura Militar e subsidiada pelo governo brasileiro com objetivo de implantar uma infraestrutura turística no Brasil. Algumas peças publicitárias (Figuras 2 e 3) divulgadas no exterior vendiam a imagem do Brasil tendo como aporte a mulher brasileira como um produto turístico. Especialmente nos anos de 1970/1980, as imagens de mulheres de biquíni, sem um contexto ou sem grandes explicações, expressam a valorização dos corpos femininos, particularmente o “bumbum” (BADET, 2011).

Figura 2 – Propagandas do Turismo no Brasil divulgadas pela Embratur



Fonte: Mantovani (2014)

Figura 3 – Propagandas do Turismo no Brasil divulgadas pela Embratur nos anos de 1980



Fonte: Mantovani (2014)

Badet (2016a) publicou trabalhos referentes aos imaginários presentes no exterior sobre o Brasil que discutiam como a mídia teve e ainda tem papel relevante na manutenção de alguns estereótipos. Em seus estudos, a autora destaca que na Espanha há a predominância de uma imagem erotizada e sensual que em muitos casos associa a imigração de mulheres brasileiras com a prostituição. A Embratur, na época, ao desenvolver publicidades com essas imagens para a propagação do turismo para o Brasil, fomentou uma lógica já estruturada sobre os corpos das mulheres brasileiras, essas representações são capazes de sustentar as práticas do imaginário social construídas em torno do feminino, das qualidades e das características específicas.

Badet (2011) ainda possui trabalhos que possuem um *corpus* de notícias sobre o Brasil na Espanha, em seus estudos foram analisadas mais de 140 notícias sobre o Brasil, das quais 84 delas tinham como tema central a presença de brasileiros e brasileiras no território espanhol. Os resultados das análises realizadas indicaram a preponderância da mulher brasileira nos meios de comunicação relacionada à sensualidade e ao erotismo. A Revista VICE (2007) publicou uma reportagem sobre as “Garotas Brasileiras” com imagens de mulheres nuas ou com poucas roupas.

Figura 4 – Capa da *Revista VICE* sobre mulher brasileira



Fonte: Revista VICE (2007)

A continuidade da reportagem que representa a mulher brasileira a partir de um corpo sensual e completamente nua foi publicada na *Revista VICE*, com tiragem semanal, com o título “Cuerpos a la Brasileñas”.

Figura 5 – Reportagem sobre mulheres brasileiras na *Revista VICE* em 2007



Fonte: Revista VICE (2007)

Os exemplos de mídias relacionando a mulher de nacionalidade brasileira a uma sexualização do seu corpo, tal qual foi reiterado no processo de colonização do Brasil, evidenciam um caráter do corpo não somente como estético, mas que se articula às esferas psicológicas, sociais e culturais das representações sociais (JODELET, 2017).

Jodelet (2017) discute em seu livro “Representações Sociais e o Mundo da Vida” a representação social do corpo e suas transformações. As representações sociais são consideradas modelos latentes que se remetem a um sistema de valores e de pensamentos comuns e que asseguram a coerência das atitudes e dos comportamentos no seio de uma formação social determinada.

As representações sociais dos corpos das mulheres brasileiras se tornaram modelos, os significados sociais dessas representações estão consolidados e mais uma vez o papel do corpo passa sob a influência de instituições que reiteraram por meio de mídias, jornais, revistas, propagandas a sexualização dos corpos das mulheres brasileiras.

Mota-Ribeiro (2003) discorre sobre o assunto dos corpos femininos na publicidade, mostrando como o corpo feminino é construído a partir de um discurso visual que propaga e incorpora a ideia de que os corpos das mulheres brasileiras devem ser desejáveis para si e para os outros. A publicidade constrói modelos de corpos femininos que determinam a aparência e o comportamento do que é apropriado segundo padrões específicos.

Segundo Jodelet (2017), as representações sociais do corpo permitem encontrar o social no próprio seio do individual, que possui objetos tradicionalmente considerados e identificados por um sistema cognitivo, cujos conteúdos e organização refletem posições variáveis segundo os grupos sociais.

Nesse âmbito, o que foi construído como representação social do corpo da mulher brasileira não reflete somente na lógica individual, pois a publicidade, os jornais e as revistas indicam quais devem ser os padrões dessa representação visual e as características das mulheres brasileiras, por isso, essas representações sociais sobre o corpo geram significados em um sistema de crenças e de valores de uma sociedade (MOTA-RIBEIRO, 2003).

Segundo Mota-Ribeiro (2003), o sistema ideológico da publicidade contribui precisamente para a estereotipificação da imagem das mulheres, já que essa imagem é construída com base em papéis de gênero, nos quais as mulheres são ligadas à maternidade, à beleza ou ao sexo, enquanto o homem é correlacionado a outros papéis. Com a construção dessas imagens sobre a mulher, são atribuídas características físicas e atitudes que se mostram arraigadas a uma ideologia específica, assim, as mulheres são publicitadas não como elas são de fato, mas como a sociedade aprendeu que elas se comportam.

Quando Freyre (2006), pelo impacto de sua obra e pela quantidade de traduções, exportou uma ideia sobre as mulheres brasileiras e seus corpos, suas características físicas, ao longo da história e com o papel latente da mídia, foram criadas imagens de como seriam essas mulheres. Surgiram então a simbolização do corpo da mulher brasileira em sensualidade e em conotação sexual e as ideias de que as mulheres brasileiras são sensuais, exóticas, submissas e, principalmente, disponíveis para o sexo.

Interessante ressaltar que a mulher brasileira indicada pela mídia apresenta atributos bem marcados, por exemplo, nas imagens, há a valorização das formas dos seios, evidencia do bumbum sempre exposto, mulheres de pele negra e usando calcinha pequena, correlacionando tudo isso à brasilidade. Essa hipersexualização de corpos negros e outras características fenóticas já estavam presentes nos escritos de Freyre (2006) como se justificassem as violências sexuais contra as escravas e os escravos negros.

Em “Casa Grande & Senzala”, há vários trechos atribuindo uma erotização exacerbada a corpos negros, como se fosse uma característica inata deles, e essa hipersexualidade seria um componente corruptor da sexualidade da família colonial. A verdade é que, na estrutura da casa grande, a educação dos senhores de engenho valorizava uma virilidade por meio de abusos sexuais (FREYRE, 2006). Assim, Freyre (2006, p. 462, grifo nosso) destaca:

É verdade que lá como aqui não faltou quem, confundindo resultado e causa, responsabilizasse a negra e seus “strong sex instincts” e principalmente a mulata – “the lascivious hybrid woman” – pela depravação dos rapazes brancos. Entre nós, já vimos que Nina Rodrigues considerou a mulata um tipo anormal de superexcitada sexual. Nós, uns inocentinhos: elas, uns diabos, dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo.

Reis (2019) discorre que a hipersexualização de corpos negros foi difundida como uma característica biológica de tal maneira que ainda hoje corpos negros são marcados por essa representação. Tal como percebe-se essa representação sobre mulheres brasileiras, principalmente pela mídia que relaciona os corpos das mulheres brasileiras a essa sexualidade exacerbada, por sua cor e nacionalidade.

Um exemplo dessa representação sobre mulheres brasileiras que é divulgado pela mídia foi a criação da personagem Globeleza pela Rede Globo, uma mulher negra, nua, coberta por fitas, purpurinas e um tapa-sexo bem pequeno. Sem nenhuma fala, apenas sorrindo e sambando no período de carnaval, ela aparecia em diferentes

horários, alcançando diferentes públicos nas chamadas durante a programação da televisão. Até hoje, essa personagem existe e é compreendida como uma das representações do carnaval brasileiro.

Figura 6 – Valéria Valenssa, primeira Globeleza no ano de 1990



Fonte: Globo.com (2022)

A personagem de Valéria, Globeleza criada pelo *design* alemão Hans Donner, traz novamente o imaginário europeu sobre a mulher negra e a sexualidade aflorada, já que a exposição do corpo explora um imaginário que está enraizado no Brasil colonial e que também é conhecido internacionalmente. Assim, esta também constitui uma das representações sociais referentes ao corpo das mulheres brasileiras (BASTOS, 2021).

Como discorrido, as representações sociais históricas sobre os corpos das mulheres brasileiras foram pautadas na sexualização de seus atributos físicos, emocionais e de seus comportamentos. Percebem-se os reflexos dessas representações sobre a mulher brasileira que internacionalmente podem ser compreendidas como um corpo colonizado, estando à disposição sexualmente (BADET, 2011; GOMES, 2013).

Isso pode ser correlacionado com uma outra representação social difundida sobre a mulher brasileira que a liga à promiscuidade e à prostituição. Gomes (2013) analisa peças publicitárias e discursos midiáticos portugueses que reforçam essa concepção frente à mulher brasileira como um corpo colonial. A autora aponta que em

Portugal há um imaginário sobre o termo “mulher brasileira” carregado de estereótipos e de discursos sociais que se transformam em preconceito e discriminação quando essas mulheres estão fora de seu país (GOMES, 2013).

De acordo com os dados disponibilizados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, desde 1990, há uma crescente migração de homens e de mulheres para Portugal. A nacionalidade brasileira se mantém como a principal comunidade estrangeira residente nesse país, representando 27,8% do total, sendo esse o valor mais elevado desde 2012 (REIS *et al.*, 2020).

Em 2010, os dados apontam cerca de 70 mil mulheres brasileiras legalizadas morando fixamente em Portugal, atualmente os dados apontam cerca de 102.673 mil mulheres brasileiras vivendo em Portugal, sendo também inclusos os valores referentes à situação irregular (REIS, 2020).

Gomes (2013) aponta que essas mulheres brasileiras, em geral, são mulheres jovens, na faixa etária entre 25 e 50 anos, que trabalham com atendimento ao público e que estão em diferentes estruturas de trabalho, algumas ligadas ao setor de serviços, outras se apresentam como dentistas, empresárias, estudantes, mas há um denominador comum entre essas mulheres: a nacionalidade. Elas carregam um imaginário sólido que as relaciona com a hipersexualidade, disponibilidade sexual ou prostituição.

A autora traz reportagens dessa representação sexualizada sobre o corpo nas mídias portuguesas (GOMES, 2013). Como exemplo disso, apresenta-se a reportagem de capa da *Revista Focus*, com o título “Eles adoram-na, elas odeiam-na: os segredos da mulher brasileira” (Figura 7). A reportagem, já no primeiro parágrafo, aborda os casamentos entre portugueses e brasileiras, definindo-as como oriundas das “Terras de Vera Cruz”, alusão direta ao processo de colonização.

Figura 7 – Imagens na Revista Focus Multidisciplinar, capa da edição 565, de 2010



Fonte: Revista Focus (2010)

Gomes (2013) utilizou estudos sobre imaginário para explicar como a representação da mulher brasileira está correlacionada à exploração do corpo, como nas imagens com um biquíni expondo o bumbum e as cores símbolos da brasilidade, o verde e o amarelo. A autora discorre que o imaginário é uma forma de saber, um conhecimento que se liga a uma imagem e que a mídia tem o poder de consolidar esse imaginário. Sua análise propõe usar o termo “mulher brasileira” como o sujeito desse discurso hegemônico construído sobre as mulheres brasileiras (GOMES, 2013).

O sujeito “mulher brasileira” carrega em si lógicas de poder e de interiorização. Com a consolidação do imaginário colonial e a hipersexualização dos corpos, as mulheres brasileiras apontam diferentes impactos que essa representação sobre seu corpo traz. Mariana Gomes (2013, p. 879, grifos nossos) também aponta outras vivências:

No decorrer da pesquisa de campo, foram presenciados e relatados (e vividos) casos de assédio moral e sexual, de dificuldade de alugar apartamento (explicitamente não alugam para mulheres brasileiras), de ofensas verbalizadas como “volta para tua terra”, “as brasileiras trazem doenças para os portugueses”, “as brasileiras querem roubar os maridos das portuguesas” (em ônibus, taxis, em redes sociais virtuais). E, ainda, casos de violência física e sexual.

Sobre isso, pode-se destacar que as mulheres brasileiras que estão em mobilidade internacional carregam um peso em sua nacionalidade, cheia de estereótipos específicos (simpatia, alegria, sexualidade afluada e sensualidade) que condicionam experiências que elas têm de enfrentar cotidianamente (PADILLA;

GOMES; FERNANDES, 2010). Essas características são vistas como natas, intrínsecas das mulheres brasileiras, que foram primeiramente produzidas no Brasil pela estrutura escravista colonial e divulgadas amplamente no cenário internacional.

Isso pode ser observado no trabalho de Isabelle Hidair (2008) que trata sobre as migrações de mulheres para o território da Guiana Francesa, o impacto dessas vivências e a realidade dessas mulheres. O trabalho de Hidair (2008) é realizado com uma investigação de como as mídias dentro da Guiana Francesa retratam os migrantes, em especial as mulheres brasileiras.

A Guiana Francesa é uma coletividade Ultramarina da França, faz fronteira direta com o Brasil, com o Estado do Amapá em especial a Cidade de Oiapoque. Com isso, a relação de Oiapoque com São Jorge (cidade de fronteira da Guiana Francesa) é contínua, intrínseca e com diferentes impactos. Importante ressaltar que parte do trabalho de campo das pesquisas deste relatório foram desenvolvidas em São Jorge, e a apresentação mais latente será feita no próximo capítulo deste relatório.

Com isso, foca-se na relevância da pesquisa de Isabelle Hidair (2008) ao demonstrar que o imaginário colonial é tão bem estruturado na Guiana Francesa que mantém as representações sociais pautadas no corpo da mulher brasileira e seus comportamentos. Como ela indica, as brasileiras “[...] são acusadas de vender seus encantos aos homens franceses que seriam suas pobres vítimas” (HIDAIR, 2008, p. 138).

A autora destaca ainda a presença dessa imagem latente nos meios de comunicação, nos quais a mulher brasileira, além de estar relacionada a uma sexualidade desenfreada sobre os homens franceses e guianenses, também está ligada à questão da prostituição. Hidair (2008) aponta que essas representações causam diferentes problemas relacionais entre mulheres brasileiras, francesas e guianenses.

De um lado dessa estrutura, há mulheres brasileiras necessitadas socioeconomicamente e que buscam na sociedade guianense formas de sobreviver, do outro, surgem os homens franceses e/ou guianenses em situação financeira melhor e que projetam nessas mulheres a ideia de uma vida sexual mais liberada, de que elas estão mais disponíveis além das representações que já cercam a nacionalidade brasileira (HIDAIR, 2008).

Assim, é interessante ressaltar como os imaginários sobre o corpo da mulher brasileira ganham formas e representações sociais fixas que foram construídas

historicamente para a sexualização dos corpos, atitudes, comportamentos, traçando um elo entre nacionalidade e gênero e construindo discursos sobre seus corpos e sobre elas mesmas.

A partir disso, é possível ver a distribuição desse discurso em massa desde o primeiro documento histórico do Brasil, juntamente com peças publicitárias de órgãos de turismo do governo brasileiro e da mídia em geral, como revistas, jornais, redes sociais, músicas, novelas. Com essas representações sociais, percebem-se ideias e comportamentos deturpados frente às mulheres brasileiras, e isso ganha um novo viés no cenário internacional. Esses impactos no tocante às mobilidades que as mulheres brasileiras se propõem são cercados de discriminações, assédios e violências (GOMES, 2013).

A mobilidade é um termo usado neste relatório como ponto de partida para o trabalho de campo desenvolvido, pois o ato de migrar e outras mobilidades que mulheres brasileiras desenvolvem podem ser abarcados pelo termo, além de sua perspectiva social que corrobora para essa compreensão.

A mobilidade humana no espaço é um fenômeno que envolve “[...] frequências, distâncias, e formas diferenciadas, e é uma condição da migração [...], migrar, além da mobilidade geográfica, implica trocar o ambiente familiar e social [...]” (ARAGÓN, 2013, p. 215). As mobilidades são sempre referidas no plural devido aos diferentes sentidos, origens e naturezas que elas abarcam. Importante pontuar que nessa perspectiva, as mobilidades possuem formas e estruturas sociais diversas, então elas compreendem desde viagens a trabalho, a negócios, excursões de estudantes, viagens para tratamentos médicos até a migração de refugiados.

Além disso, estudos migratórios apontam novas tendências no que diz respeito aos países sul-americanos. Verifica-se um crescimento na mobilidade intrarregional, principalmente das migrações entre os países de fronteira, possibilitadas pela proximidade das cidades fronteiriças e pelo baixo custo desse tipo de mobilidade (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010).

Com a crescente relevância dos movimentos de mulheres e de estudos de gênero, a temática mulheres e migração passou a ter mais relevância no cenário internacional, assim, debates sobre a temática se tornaram mais explorados. Percebe-se uma feminização da migração, não tanto por um aumento quantitativo no número de mulheres em situação migratória, mas sim pelo protagonismo delas na construção

de projetos autônomos e redes migratórias no mundo todo (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010).

Com isso, quando se trata sobre a mobilidade de mulheres brasileiras, não se pode deixar de reconhecer as vulnerabilidades que a nacionalidade brasileira apresenta para as mulheres em seus projetos de mobilidade. As mulheres brasileiras, ao se deslocarem para fora do Brasil, seja para morar, estudar, trabalhar ou para o lazer, precisam saber que esse é em si um ato de resistir e de reexistir (GOMES, 2013).

Como foi explanado, nesta seção, a construção de imaginários sobre os corpos das mulheres brasileiras ao longo da história fomentou representações específicas de seus corpos, seus comportamentos e ações, que foram estruturados a partir da vivência na sociedade patriarcal e amplamente divulgados por Freyre (2006), um dos maiores escritores da vida social brasileira colonial.

Os imaginários ganharam imagens próprias relacionando os corpos a uma sexualidade desenfreada, ao erotismo e à sensualidade em comportamentos e em ações das mulheres nativas e negras, que, posteriormente, foram entendidas como o sujeito “mulher brasileira”. Mas é com o advento da mídia que esses imaginários já estruturados são divulgados para todo o cenário mundial. Ainda hoje, percebem-se essas representações sociais sobre os corpos das mulheres brasileiras nas peças publicitárias, nas revistas, nas novelas, nas músicas e nos filmes; e, como resultado, as correlações que são feitas dessas representações colocam em vulnerabilidade a mulher brasileira, influenciando suas vidas, seus projetos de mobilidade e gerando impactos latentes, tais como percebidos nesta seção, sejam eles assédios, violências, preconceitos, entre outros.

Nesta seção, o objetivo foi realizar uma reflexão sobre as premissas teóricas relativas às representações sociais e à construção social da realidade. Nas muitas instâncias de socialização, essas representações têm efeitos sobre as individualidades, já que, a partir delas, mulheres brasileiras têm suas vivências marcadas por diferentes impactos.

Quanto a isso, o capítulo também trouxe uma literatura empírica, produzida por pesquisadoras como Badet (2011; 2016a; 2016b), Hidair (2008), Gomes (2013) e Peres (2004), as quais são referentes tanto na condição existencial das mulheres brasileiras em contexto de mobilidade internacional quanto nas formas de sociabilidade construídas nesses contextos qualificados pela relação com o outro.

Diante do exposto, percebe-se que as representações sociais sobre os corpos das mulheres brasileiras foram construídas historicamente, como também apresentadas e projetadas internacionalmente. Mas elas não se mantêm somente na relação macro, na forma de se conhecer a “mulher brasileira”, ela está presente nos detalhes, já que oferece aos indivíduos um ambiente social que encontra um sistema híbrido de referências sobre o que significa ser uma mulher brasileira em relação aos outros que não o são, mas estão cientes de suas representações sociais (SETTON, 2011).

2 IDENTIFICANDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS QUE SEXUALIZAM O CORPO DA MULHER BRASILEIRA NO CONTEXTO DE MOBILIDADE INTERNACIONAL

Pretende-se neste capítulo descrever as representações sociais que sexualizam o corpo da mulher brasileira e os seus impactos durante a experiência de mobilidade internacional.

Para isso, foram utilizados os estudos com literatura empírica, produzidos pelas pesquisadoras Badet (2011; 2016a; 2016b) na Espanha, Hidair (2008) na Guiana Francesa, Gomes (2013) em Portugal e Peres (2004) nos Estados Unidos e no Japão. Os estudos dessas autoras abarcam pesquisas sobre as representações sociais que sexualizam o corpo da mulher brasileira no contexto internacional e descrevem os problemas que mulheres brasileiras passaram por ter representações sociais que estereotipam seus corpos, suas ações e sua nacionalidade.

Além disso, foi realizado um trabalho de campo na cidade de Macapá, no Amapá, e na cidade de São Jorge, na Guiana Francesa, durante os meses de julho a setembro do ano de 2021, com um grupo de mulheres brasileiras que já viveram pelo menos uma experiência de mobilidade internacional. O objetivo da pesquisa de campo é contribuir de forma mais palpável com relatos de mulheres que sentiram em sua experiência fora do Brasil os impactos que as representações sociais que sexualizam seus corpos podem gerar em suas vidas e em suas histórias.

Nesse ponto, compreende-se como experiência de mobilidade internacional as diferentes formas ou propósitos, como: migração, intercâmbio, refúgio, mobilidade para estudos e a trabalho (URRY, 2007; FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020). Para uma compreensão mais abrangente sobre o cenário de mobilidades das mulheres no mundo, destacam-se os dados produzidos pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UN DESA, 2019). Esses estudos apontam o quantitativo de mulheres migrantes internacionais e o aumento da presença feminina em diversas formas de mobilidade, como: refugiadas, para intercâmbios culturais, a trabalho ou estudos.

A UN DESA (2019) indicou que o número de migrantes internacionais é de cerca de 272 milhões. Esses dados abarcam todas as condições de migração. Segundo essa análise de 2019, 47,9% dessas pessoas são mulheres, assim, percebe-se (Tabela 1) que as mulheres representam um pouco menos da metade de todos os

migrantes internacionais e que esse número surgiu a partir de uma crescente migração que ocorre desde 1990.

Há uma variação de região para a região do globo, a porcentagem de mulheres entre todos os migrantes internacionais era mais alta na América do Norte, seguida da Europa, Oceania e América Latina e Caribe.

Tabela 1 – Número (em milhões) de mulheres migrantes internacionais no mundo todo, em meados dos anos de 1990 a 2019

Número de mulheres migrantes internacionais no mundo todo, em meados dos anos de 1990 a 2019						
1990	1995	2000	2005	2010	2015	2019
75.349.784	79.630.779	85.559.220	93.754.736	106.720.229	119.997.907	130.154.101

Fonte: Adaptada de UN DESA (2019)

Segundo os dados do UN DESA (2019), o número de mulheres se deslocando no mundo entre 1990 e 2019 só vem aumentando. No ano de 1990, foram cerca de 75.349.784 mulheres migrando, no ano de 2019, esse total foi de 130.154.101, ou seja, um aumento de aproximadamente 42%.

A partir da compreensão de que a migração é um dos tipos de mobilidades que esses números abarcam, os dados referentes ao crescimento da presença feminina nas últimas décadas legitimam a importância das representações sociais serem abordadas sobre as vivências de mulheres que já estiveram em mobilidades. Fazendo jus aos dados, esse relatório técnico vem contribuir para se pensar as perspectivas mais abrangentes quando se tratam de mulheres brasileiras no mundo.

Importante ressaltar que a perspectiva de mobilidades apontada neste relatório é pautada na mobilidade como um sistema de várias escalas, que envolvem a mobilidade de pessoas, mas também de imagens e mensagens de acordo com o lugar em que as mulheres brasileiras estão vivenciando sua mobilidade (FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020).

Segundo Urry (2007), os sistemas de mobilidades são como um conjunto de poderosos e interdependentes sistemas de conhecimento que organizam a produção, o consumo, as viagens e as comunicações em torno do mundo. Esses sistemas estão majoritariamente “além” e “acima” das fronteiras nacionais. Com isso, as vivências de mobilidades de mulheres brasileiras, tratadas neste relatório, indicam não somente uma experiência de vida, mas uma forma de conhecimento de si e dos outros, e o

papel das representações sociais pode colaborar ou implicar vulnerabilidades (CHEIBUB, 2014).

Os dados sobre mobilidades de mulheres apontam um crescimento da participação das mulheres em diferentes projetos de mobilidade, e isso pode ser compreendido pelo termo “feminização da migração”, que passou a ganhar destaque tanto dos teóricos sobre mobilidades quanto das organizações que tratam sobre mobilidades, migrações e outros deslocamentos (MARINUCCI, 2007; RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010).

A feminização da migração pode ser compreendida por meio do quantitativo de mulheres em mobilidade que está aumentando, como apontam os dados da UN DESA (2019), mas também a consciência de que o viés de gênero passa a ter mais destaque nos processos de mobilidades, bem como as necessidades envolvidas nessa mudança (OLIVEIRA, 2004; RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010).

Marinucci (2007) destaca que a feminização da migração ganha força pelas mudanças do papel da mulher nas sociedades, sua inserção no mercado de trabalho, os avanços em processos de emancipação, além da mudança sobre como as mulheres eram vistas como sujeitos passivos da mobilidade, ao acompanharem maridos e família, reduzidas a um sujeito passivo nessa lógica e ganhando destaque como donas de seus projetos de mobilidade

Contribuindo para a compreensão da feminização da migração no mundo e no Brasil, o *Relatório Anual de Migração e Refúgio*, produzido pelo Observatório das Migrações Internacionais, Ministério da Justiça e Segurança Pública (2020), traz uma série de dados apontando as migrações femininas no território brasileiro, entradas e saídas de 2010 a 2019.

Segundo o *Relatório Anual de Migração e Refúgio*, considerando a série histórica analisada de 2010 a 2019, foi um total de 26.554.564 entradas e 25.360.296 saídas, constituindo um saldo migratório de 688.367 migrantes mulheres no país nessa década (OBMIGRA, 2020). Observa-se a que as nacionalidades mais presentes de 2010 até 2015 são as argentinas, uruguaias, paraguaias, chilenas, entre outras.

Já nos anos de 2016 a 2019, percebe-se que as migrantes sul-americanas e caribenhas estavam mais presentes, em especial as venezuelanas. As argentinas se mantendo como migrantes frequentes, e as haitianas, que, entre 2010-2015, eram de

17.526, e, entre 2016-2019, passou para 37.082. Todas portadoras de vistos entre as classificações de residente, temporário, fronteiriço, humanitário (OBMIGRA, 2020).

Nesse contexto, percebe-se a presença de mulheres circulando pelas fronteiras brasileiras com diferentes nacionalidades, principalmente a presença de mulheres de nacionalidade sul-americana no território brasileiro. Esses dados, segundo o (2020), corroboram com estudos que destacam o aumento de mobilidades intrarregionais, principalmente pelas fronteiras, possibilitado pela proximidade das cidades fronteiriças e pelo baixo custo desse tipo de mobilidade (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010; OLIVEIRA, 2017).

Segundo Rodrigues e Vasconcelos (2010), essas mobilidades dentro de uma mesma região ganharam maior projeção com os acordos de formação do Mercosul e da Comunidade Andina, os quais favoreceram tal mobilidade dentro dos limites dos países sul-americanos. Esses deslocamentos pelas cidades fronteiriças se tornam mais prováveis devido ao custo dessas mobilidades e à facilidade de acesso terrestre. Também se apresenta outro fator: o intercâmbio de moedas, que favorece a alguns países pelo amplo poder de compra nessas áreas fronteiriças.

Dessa maneira, o viés econômico ganha mais visibilidade e, como exemplo, pode-se trazer a fronteira Franco-Brasileira do Amapá com a Guiana Francesa. A Guiana Francesa é considerada uma Coletividade Ultramar Francesa, possui certa autonomia política regional, no entanto, é um território que pertence à França e responde às leis e às estruturas políticas e econômicas francesas, já que tem como moeda o euro.

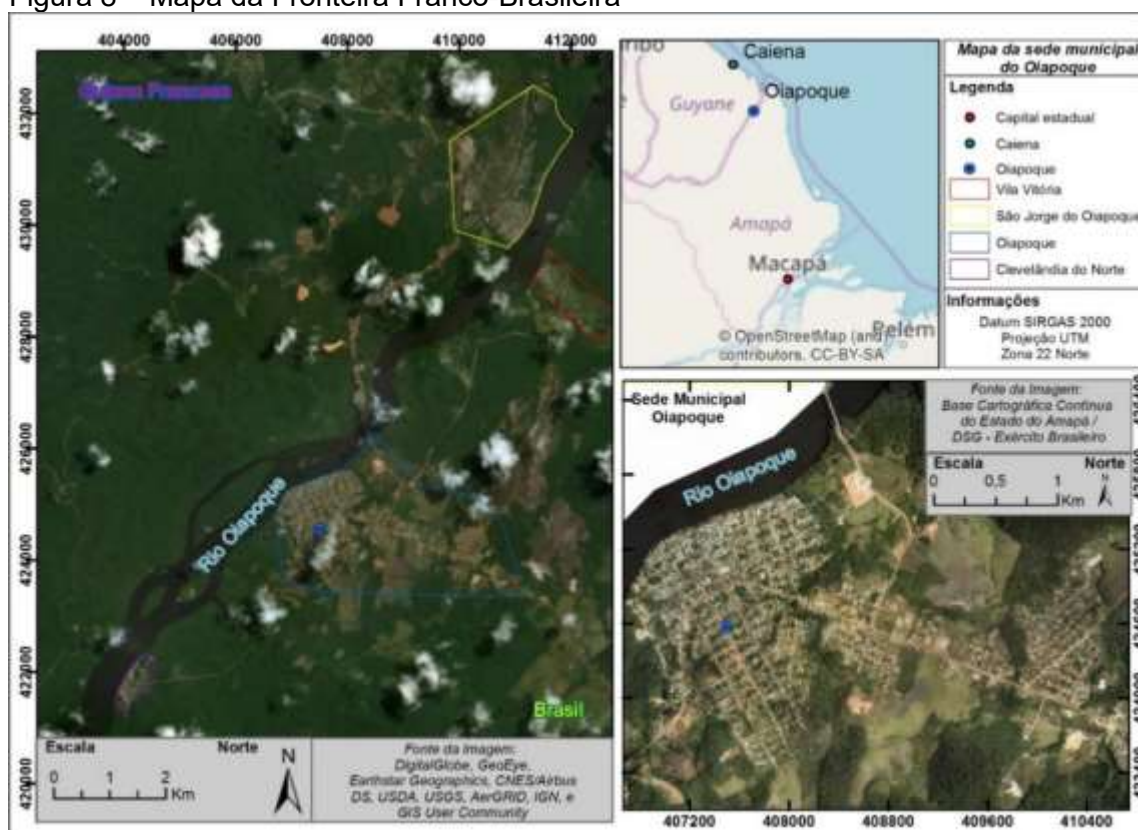
Nessa zona fronteiriça, os brasileiros frequentemente adentram na Guiana Francesa em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Desse modo, além da construção deste Relatório Técnico surgir a partir de vivências na Guiana Francesa, esse também foi o cenário do trabalho de campo.

Com relação à pesquisa de campo, ressalta-se que a faixa de fronteira brasileira possui cerca de 17 mil quilômetros de extensão, correspondendo a 27% do território nacional, seu desenho inclui 11 estados fronteiriços, 10 países vizinhos e 32 cidades gêmeas (BRASIL, 2009). Entre essas cidades, destacam-se Oiapoque e São Jorge (Figura 8), no mapa, com os traços azuis está representada a cidade de Oiapoque e com traços amarelos, a cidade de São Jorge, localidades classificadas como cidades-gêmeas devido ao alto grau de interação entre seus moradores.

A cidade de Oiapoque é a sede do município homônimo, que tem uma população estimada em 28.534 habitantes e possui uma renda *per capita* de R\$ 16.891,97 (IBGE, 2021). Do outro lado está São Jorge com pouco mais que 4.242 habitantes (INSEE, 2021a). A partir de dados analisados, tem-se somente o PIB da Guiana Francesa, que foi de € 4,2 bilhões de euros (INSEE, 2021b).

No que tange aos fluxos migratórios, a Guiana Francesa se apresenta de forma receptora para muitos migrantes, que representam 30% dos habitantes da Guiana. Os grupos mais expressivos são os surinameses, os haitianos e os brasileiros. Segundo o Instituto de Estatísticas e Estudos Econômicos da França, os migrantes que moram na Guiana Francesa somam cerca de 84,484 (INSEE, 2021a) e, desse quantitativo, cerca de 30% são mulheres.

Figura 8 – Mapa da Fronteira Franco-Brasileira



Fonte: Elaborada por Eduardo Q. de Lima (2018)

A cidade de Oiapoque, no período do final do século XIX para o século XX, era conhecida como Vila de Martinique, porque um dos primeiros habitantes da cidade era oriundo da Ilha de Martinique, conquista francesa do Caribe. O lugarejo citado recebeu o nome “Antillesse”, em homenagem ao seu primeiro habitante, cuja origem

provável era das Antilhas, mas, com o passar do tempo, os brasileiros começaram a pronunciar Martinica. Assim, o Oiapoque era conhecido como Vila da Martinica (ROMANI, 2010).

A ligação também é histórica com essa região, pois as populações já viviam em mobilidade, juntamente com indígenas, ribeirinhos, mas o Estado brasileiro não fomentava uma integração com o resto das regiões do país. Foi a partir de 1936 que o nome da Vila de Martinica passou para Espírito Santo do Oiapoque (ROMANI, 2010).

Essa mudança ocorre a partir da ordem do desbravador Cândido Rondon. Esse marechal, artífice da integração territorial brasileira, tentou apagar os vestígios estrangeiros da memória local. Os documentos oficiais da fundação da cidade trazem uma mínima referência a essa antiga origem, mas a população do lugar, principalmente aquela que o habita há mais tempo, além de não se esquecer, também perpetua essa memória de origem (ROMANI, 2010).

Para o estado brasileiro, a história da formação de Oiapoque só é relevante a partir da chegada das entidades e das organizações da pátria, geradas pelo crescimento da colônia agrícola de Clevelândia e pelos destacamentos militares a partir da década de 1920. Nesse momento, a população que integra a cidade de Oiapoque é majoritariamente de colonos residentes do Pará, bem como de outros estados, como do Nordeste. Esses colonos, fugindo do descaso dos poderes públicos, vieram em busca de terras para plantar (ROMANI, 2010).

Ao passo que, no outro lado dessa fronteira na Guiana Francesa, percebe-se que, desde o início do século XVII, ocorreram diversas tentativas de colonização pelo estado Francês, apesar das tentativas, foi só em 1764 que um grande quantitativo de franceses veio para viver em Kourou, mais de 11 mil franceses migraram, mas adquiriram diversas doenças pela não adaptação ao clima tropical, como malária, tifo, febre amarela e disenteria (DUARTE, 2016).

No entanto, no ano de 1852, a partir do decreto de Napoleão III, foi instituída na Guiana Francesa uma colônia penal. Então, os presos nas cadeias francesas eram enviados para essa colônia da Guiana Francesa e forçados a trabalhar, assim a administração dos diversos presídios, por quase 100 anos, era a atividade mais importante da colônia e, ao todo, 68 mil pessoas foram enviadas (DUARTE, 2016).

Com a crescente administração dos presídios na colônia francesa e o surgimento da extração do ouro, a mobilidade de pessoas advindas do Caribe era

constante, mas foi em 1946 que Guadalupe, Martinica e Guiana Francesa passaram a ser um departamento da França em que o sistema político francês se aplicaria de modo idêntico ao da metrópole, salvo exceções determinadas na lei. Foi em 2017 que ela se tornou uma Coletividade Ultramar Francês, sendo mais autônoma em seus processos políticos administrativos (DUARTE, 2016).

Ganger (2008) indica algumas características próprias da Guiana Francesa que geram o interesse para a mobilidade entre essa fronteira Franco-Brasileira. Por exemplo, mesmo sendo isolada do resto do continente pela floresta amazônica, essa fronteira possui o seu Estatuto Europeu, com a moeda forte como o euro, além de a região apresentar relevante extração de ouro por meio dos garimpos legais e ilegais. Sendo assim, essa fronteira possui uma interação maior, já que muitas pessoas buscam melhores condições de vida, oportunidades de trabalho, entre outros.

Essas interações acontecem historicamente a anos, a circulação dos dois lados da fronteira Franco-Brasileira acontecem de duas formas mais latentes: pela circulação de catraias (especie de barco de metal ou madeira com motor) no curso do Rio Oiapoque, e pela ponte Binacional Franco Brasileira (liga o Brasil e a Guiana Francesa).

Figura 9 – Catraias no porto em frente à cidade de Oiapoque



fonte: Arquivo pessoal da autora deste relatório (2019)

Figura 10 – Em primeiro plano, as catraias em frente ao porto de Oiapoque e atrás a ponte Binacional Franco Brasileira



Fonte: Arquivo pessoal da autora deste relatório (2019)

As catraias partem da cidade de Oiapoque até São Jorge na Guiana Francesa e outras cidades fronteiriças, nesse transporte não exige a apresentação do visto de entrada ou outros documentos para a circulação na Guiana Francesa ou no Brasil. Por isso muitas pessoas circulam de catraias para entrar de forma idocumentada na Guiana Francesa.

Já a circulação pela Ponte Binacional Franco-Brasileira que liga as cidade de Oiapoque e São Jorge é exigido o visto para entrada na Guiana Francesa pela Policia da fronteira(pertence a Guiana Francesa), se o automovel for da pessoa que esta adentrando o país é exigido também um seguro para o automóvel emitido em euros, de acordo com o quantitativo de dias que a pessoa irá passar na Guiana Francesa. A lógica inversa, dos carros que chegam das cidades da Guiana Francesa para o lado brasileiro não é exigido visto, nem seguro.

No que tange à migração de brasileiros e brasileiras para a Guiana Francesa, esta iniciou-se em meados de 1960. Vindos de diferentes lugares do Brasil as pessoas ingressaram nessa coletividade territorial do ultramar da França para trabalhar na construção da base aeroespacial de Kourou (MIRANDA; MARTINS, 2020).

Percebe-se que, nesse primeiro momento, a presença de mulheres brasileiras na Guiana Francesa estava atrelada a acompanhar os maridos ou algum membro familiar. Poucas mulheres adentravam com projetos autónomos nessa fronteira.

Segundo Hidair (2008), muitos desses migrantes eram considerados indocumentados pelas autoridades franco-brasileiras e só conseguiram organizar sua permanência no país por meio de um contrato de trabalho ou casando-se com pessoas de nacionalidade francesa, nessa situação a maioria dos migrantes era formada por mulheres (HIDAIR, 2008).

Nessa lógica, os casamentos entre brasileiras e nacionais ganham uma visibilidade estigmatizada baseada em representações sociais sobre as mulheres brasileiras que mantêm imagens negativas, principalmente ao relacionarem as brasileiras à prostituição e à sexualidade (HIDAIR, 2008).

Por meio desses antecedentes é que surge o interesse em buscar mulheres brasileiras que possuíssem experiências de mobilidade na Guiana Francesa. Assim, o trabalho de campo nasceu *a priori* dessas premissas frente à mobilidade de mulheres no território da Guiana Francesa. Como critério de inclusão, foram consideradas as mobilidades fora do Brasil, por isso, seis mulheres brasileiras que tiveram experiências na Guiana Francesa, em Portugal e na França foram entrevistadas.

2.1 PESQUISA DE CAMPO – ENTREVISTAS

O trabalho de campo aconteceu de modo *on-line*, em especial em duas cidades, primeiramente na cidade de São Jorge, na Guiana Francesa, e na cidade de Macapá, no Amapá, O objetivo da pesquisa foi identificar a partir das experiências de mulheres brasileiras as representações sociais que sexualizam o corpo e quais impactos elas perceberam em sua experiência de mobilidade internacional.

A seleção dessas seis mulheres aconteceu previamente ainda na cidade de Macapá, por meio eletrônico, via *e-mail*, e aplicativo de conversa como WhatsApp. Foram solicitadas informações prévias como: nacionalidade brasileira, idade de 21 anos a 40 anos atualmente ou que tivessem entre essa faixa etária no momento da experiência de mobilidade internacional. Além disso, elas deveriam concordarem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A relação pesquisadora e entrevistadas já estava preestabelecida pela comunicação anterior por aplicativos de conversa, o que foi necessário para uma maior confiabilidade entre as partes. As quatro primeiras entrevistas ocorreram na

cidade de São Jorge, na Guiana Francesa. As duas últimas aconteceram na cidade de Macapá, no Estado do Amapá.

A metodologia utilizada se deu a partir da história de vida, pelo fato de que é na história que os indivíduos relatam sobre seu cotidiano ou até mesmo ações que já ocorreram. Contribuiu para pesquisa os relatos de experiência vivida, as memórias e as trajetórias de vida das mulheres brasileiras (MACCALI *et al.*, 2013).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres de 21 a 40 anos, brasileiras, que partiram para vivenciar alguma experiência de viagem internacional, permanecendo pelo mínimo tempo de um mês no local. A escolha dessa justificativa de idade foi norteadada pelo relatório do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), dados que foram computados a partir do Registro Nacional Migratório (SisMigra), também da Polícia Federal que indicam que o maior quantitativo de mulheres que estão em mobilidade internacional apresenta de 15 a 25 anos, 26 a 40 anos, no período de 2010 a 2019.

Os aplicativos Google Meet e WhatsApp foram utilizados de acordo com as possibilidades tecnológicas e de acessibilidade das interlocutoras, seguindo os parâmetros do Ofício Circular n. 2/2021/CONEP/SECNS/MS, emitido em fevereiro de 2021, e que trata sobre as pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

Ademais, o foco era que as entrevistas pudessem ser realizadas de forma síncrona, com interação simultânea (videoconferência ou troca de mensagens instantâneas). A duração de cada entrevista foi em média duas horas, isso foi necessário pela lógica em que foram construídas as perguntas, buscando o resgate na memória das experiências vividas. Cada interlocutora assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e também recebeu uma cópia *on-line*.

Com as perguntas, foram caracterizadas algumas informações das interlocutoras, como: idade, empregabilidade, formação educacional e características físicas. Na entrevista respondida, havia 14 perguntas objetivas divididas em duas seções. A primeira seção com cinco perguntas que versava sobre a vida socioeconômica das entrevistadas, sua idade, classificação segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estado civil, escolaridade e qual ocupação/trabalho exercia, conforme mostra o Apêndice A.

Na segunda seção, foram trabalhadas as memórias dessas mulheres, começando pelo ano em que a entrevistada tinha vivenciado sua experiência de mobilidade internacional. As opções eram do ano de 2010 a 2020. Essa data foi

escolhida devido a estudos prévios que indicaram um crescimento relevante de mobilidades de mulheres brasileiras nesses anos, mas também havia uma opção denominada “outro”, que poderia abranger qualquer ano. Além disso, havia o tempo em meses de permanência na mobilidade, em qual o país elas viveram essa experiência e por qual motivo.

Ainda nessa seção, foi colocado em uma “nuvem” um conjunto de palavras que historicamente são identificadas como representações sociais do corpo da mulher brasileira e são conhecidas internacionalmente (DORFMAN; FRANÇA; ROCHA, 2016). Esse conjunto de palavras foi montado a partir dos trabalhos Badet (2011; 2016a; 2016b), Padilla, Gomes e Fernandes (2010) e Piscilelli (1996), que destacam que palavras como essas são identificadas como representações sociais sobre os corpos e comportamentos das mulheres brasileiras fora do Brasil. Esse grupo de palavras foi composto de: seios fartos, sexy, bumbum grande, mulher fácil, corpo sensual, vulgar, interesseira, bumbum brasileiro, calcinha brasileira, biquíni brasileiro, depilação à brasileira, gostosa, boca carnuda, corpo violão, gostosa, simpática, prostituta.

Esse agrupamento de palavras foi colocado de forma que as interlocutoras marcassem por quais dessas palavras elas já foram identificadas em sua experiência de mobilidade internacional. Havia outros dois quadros nos quais as entrevistadas poderiam marcar possíveis impactos dessas representações sociais que sexualizam o corpo da mulher brasileira frente à sua experiência de mobilidade e também explanar suas histórias de vida de acordo com o que marcavam nesses quadros, conforme mostra o Apêndice A.

Assim, em continuidade, serão apresentados os dados coletados e os resultados das entrevistas com essas seis mulheres brasileiras. Cada uma delas viveu pelo menos uma experiência de mobilidade internacional. Para apresentação dos dados de cada entrevistada, foi estruturada uma organização baseada na ordem em que cada entrevista ocorreu. Visando aos preceitos éticos, foram criados nomes fictícios, seguindo uma ordem alfabética, para respeitar a identidade de cada interlocutora: Ana, Bianca, Carla, Débora, Eva, Francisca. Esses nomes seguem a ordem em que cada participante concedeu a entrevista, de junho até setembro de 2021.

A exposição dos dados está baseada em trabalhos como os de Badet (2011; 2016b) e de Gomes (2013), que se utilizam dos trechos originais das entrevistas

utilizadas nos trabalhos de campo para passar informações e conteúdo mais pertinentes.

A relevância em ouvir essas mulheres significa dar voz a experiências e vivências que só podem ser compreendidas por meio da escuta, do compartilhamento de suas histórias de vida, das experiências e dos impactos. Escolher interlocutoras que tiveram uma experiência na Guiana Francesa, em especial na cidade de São George de Oiapoque, é compreender outras perspectivas diante da interação histórica que existe nessa fronteira.

As quatro primeiras interlocutoras apresentam atividades de mobilidades para São Jorge, as duas últimas apresentam atividades em Portugal e na França Metropolitana. O uso do termo metropolitano está atrelado à ligação histórica da Guiana Francesa, que hoje é uma coletividade da Guiana Francesa, possui certa independência política, mas, no entanto, é um território francês na América do Sul. Como a literatura se utiliza desse termo para apresentar a relação e dados comparativos, aqui, faz-se o uso do mesmo termo para apresentação dos dados.

2.2 MULHERES, MOBILIDADES E MEMÓRIAS

Os marcadores socioeconômicos escolhidos foram idade, classificação de cor, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estado civil, grau de escolaridade ou ocupação/trabalho. Esses marcadores foram escolhidos de acordo com os dados analisados pelo Registro Nacional Migratório (SisMigra), que os utiliza para identificar as mulheres que atravessam as fronteiras internacionais e gerar registros de entrada e de saída de mulheres brasileiras e de outras nacionalidades.

Portanto, a partir das descrições pontuadas nas entrevistas, foi elaborada a Tabela 2 com o propósito de explicitar os dados socioeconômicos das interlocutoras. Percebe-se uma predominância de mulheres que se autodeclararam pretas ou pardas, segundo a classificação do IBGE.

Tabela 2 – Apresentação dos dados socioeconômicos das interlocutoras

Nome	Idade	Classificação segundo IBGE	Estado Civil	Grau de Escolaridade	Profissão/Ocupação
Ana	48	Parda	Casada	Ensino Médio	Autônoma – Vendas

Nome	Idade	Classificação segundo IBGE	Estado Civil	Grau de Escolaridade	Profissão/Ocupação
Bianca	49	Preta	Casada	Ensino Médio	Autônoma – Vendas e cabelereira
Carla	49	Parda	Solteira	Ensino Fundamental II	Dona de casa
Débora	43	Parda	Casada	Ensino Fundamental I	Dona de casa
Eva	44	Parda	Casada	Mestrado	Professora
Francisca	23	Preta	Solteira	Especialização	Pesquisadora e professora

Fonte: Dados primários

É possível observar a idade média das interlocutoras está acima de 40 anos. Como critério de inclusão dentro do trabalho estavam mulheres de 21 a 40 anos ou que no momento da sua experiência em mobilidade internacional possuíssem essa idade. Também dentro do trabalho tem-se a maior participação de mulheres casadas, e isso traz diferenças mais latentes nas representações sociais frente aos corpos das mulheres que são vistas como casadas e as que são vistas como solteiras. Do quantitativo de mulheres casadas, nesta pesquisa, percebe-se a prevalência de casamentos com homens brasileiros.

Em relação aos dados referentes ao grau de escolaridade, as interlocutoras apresentam diferentes níveis escolares, observa-se a incidência de apenas duas mulheres com ensino superior completo. Esse dado corrobora com as referências sobre escolaridade entre mulheres brancas ou pretas e pardas no Brasil. Segundo os dados do IBGE (2018), apontados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, a população de 25 anos ou mais com ensino superior completo no Brasil entre mulheres brancas é de 23,5% e entre mulheres pretas ou pardas é de apenas 10,4%.

Percebe-se uma correlação no grau de escolaridade apresentado pelas interlocutoras e suas atividades de trabalho/ocupação. As entrevistadas que possuem ensino superior completo, especialização ou mestrado possuem outros empregos em relação àquelas que não possuem, com maiores rendimentos e direitos trabalhistas.

De maneira geral, há seis mulheres com a maioria das idades próximas a partir de 40 anos e em um único caso com idade de 23 anos, parte delas se declarou casada com homens brasileiros e duas delas se declararam solteiras. Também há um menor número de mulheres com o ensino superior completo, apenas duas declararam isso.

Em relação ao trabalho e à ocupação, percebe-se um maior número de mulheres ligadas às atividades de cuidado e afazeres domésticos, mesmo aquelas que também apresentam atividades autônomas.

No contexto de mobilidade internacional, o grau de escolaridade menor pode gerar impactos na vivência das mulheres, destacando uma condição mais vulnerável na obtenção de empregos, além de outros fatores sociais. Como destaca Lisboa (2007, p. 808) ao tratar de mulheres que estão fora do seu país de origem:

Nas sociedades as mulheres acabam por ocupar cargos desvalorizados, como empregadas domésticas; cozinheiras; babás ou garçonetes que exigem um árduo trabalho em troca de um exíguo rendimento mensal. Outras tantas vezes inserem-se num outro mercado de séria desigualdade e opressão: o mercado sexual.

Dentro das representações sociais sobre os corpos das mulheres brasileiras, existe um destaque ao imaginário de que a mulher brasileira está em mobilidade internacional para se prostituir. Algumas pesquisas, como as de Badet (2016a; 2016b), Padilla (2007) e de Correia e Neves (2010), trazem dados empíricos nos quais mulheres brasileiras destacam a prevalência dessa representação social frente à sua nacionalidade e aos comportamentos.

Na pesquisa elaborada por Correia e Neves (2010) sobre mulheres brasileiras em Portugal no ano de 2010, suas interlocutoras destacaram episódios de discriminações e afirmaram “[...] *todo o mundo acha que as brasileiras que vêm para cá são prostitutas*” (CORREIA; NEVES, 2010, p. 386). Também afirmaram a presença de olhares, insinuações e outras formas de assédio por carregarem essas representações sociais com relação aos seus corpos.

De acordo com Assis e Siqueira (2021), que tratam sobre as representações sociais de mulheres brasileiras na Europa, correlacionando gênero e raça, há um imaginário sobre os corpos de mulheres brasileiras e elas são vistas como mulheres sexualmente disponíveis, dispostas a saciar os desejos e as fantasias dos homens europeus.

Concomitantemente, Assis e Siqueira (2021) destacam que essas mulheres se declaram brancas, são racializadas e categorizadas a partir de uma identificação fixa erotizada e marcada por sensualidade e simpatia – mas deixam de ser brancas e se tornam brasileiras ou latinas. Esses excertos são exemplificados também como na

situação que a interlocutora Ana⁴, que viveu sua experiência de mobilidade na Guiana Francesa, destaca: *“Eles falam, aqui, que a mulher brasileira vem para Caiena para se prostituir”*.

Outra interlocutora, Bianca⁵, que também viveu sua experiência na Guiana Francesa, menciona: *“Na imagem deles, toda mulher brasileira que vem é prostituta”*. Em determinadas situações, as entrevistadas relataram que os homens franceses usam outros termos como: *“quanto você custa?”*.

Essas identificações podem ser compreendidas por uma série de fatores, desde históricos, pela construção do olhar do colonizador para as mulheres brasileiras carregado de erotismo, sexualidade, disponibilidade sexual, mas também territoriais, pela interação social que existe na fronteira entre a Guiana Francesa e a cidade de Oiapoque do lado do Brasil.

O artigo de Miranda e Martins (2020), ao abordar as representações sociais de erotização e sexualização sobre mulheres brasileiras na cidade de Oiapoque, revela que as representações sociais nas quais os homens da França metropolitana e da Guiana Francesa simbolizam a mulher brasileira estão correlacionadas a uma mulher sedutora e disponível para relacionamento sexual.

Os autores destacam ainda que, na cidade de Oiapoque, há uma rede que impulsiona o turismo sexual, visto que, nos bares e restaurantes, os turistas se reúnem para “caçar”, termo que denomina a paquera com pretensão sexual. Até mesmo os administradores de pousadas e de hotéis já reservam um conjunto de quartos para esse uso, configurando, assim, uma área do estabelecimento destinada a esse público (MIRANDA; MARTINS, 2020).

A relação de homens guianenses e franceses e de mulheres brasileiras se inicia na cidade de Oiapoque, e essa maior interação deixa clara a representação social mais latente sobre as mulheres brasileiras serem apontadas como prostitutas. Eles percebem a mulher brasileira como disposta a sexo por interesse neles ou por conta da diferença monetária entre as moedas de Oiapoque e São Jorge (MIRANDA; MARTINS, 2020).

A interlocutora Debora, que viveu sua experiência de mobilidade em Caiena e em São Jorge, expõe sua opinião: *“os franceses e guianenses dizem que a gente está aqui por interesse, por dinheiro, pelo euro que corre aqui, né? Mas não é assim, muitas*

⁴ Diário de campo, entrevista transcrita, junho de 2021.

⁵ Diário de campo, entrevista transcrita, junho de 2021.

são batalhadoras, buscam uma vida melhor". No que se refere a essa fala, as questões econômicas, principalmente com relação às diferenças monetárias, são mais expressivas, já que a moeda brasileira está desvalorizada, chegando a um euro equivaler cinco vezes o real.

Nessa lógica, a mulher brasileira é colocada em uma posição subalterna, na qual a troca monetária é uma prerrogativa para que homens estrangeiros se sintam com poder suficiente para oferecer dinheiro, assediar e, em alguns casos, agir com violência, pois esperam que a mulher brasileira seja "comprada", caso que ocorreu com Bianca⁶: *"Um guianense perguntou 'quanto tu quer pra ficar comigo?' Todas as mulheres querem ficar comigo e você não quer, qual o valor que tu cobra?"*.

No entanto, as interlocutoras que vivenciaram a mobilidade para Portugal e França metropolitana também percebem essa representação social sobre as mulheres brasileiras no seu dia a dia. A interlocutora Eva⁷, que foi a Portugal para fazer seu mestrado, destaca que, após conhecer outras mulheres brasileiras em sua estadia no país, sua amiga portuguesa dizia a ela: *"mulheres brasileiras que vão morar sozinhas em Portugal estão lá para se prostituir, ela falava as coisas meio nas entrelinhas e dizia para a gente não dar nosso endereço"*.

Padilla, Gomes e Fernandes (2010) apontam que existem os estereótipos e as imagens bem definidas sobre a mulher brasileira tanto dentro do Brasil como no exterior, em especial na Europa e na América do Norte. Em Portugal, a autora destaca que as mulheres brasileiras são conhecidas por trabalhar em casas de prostituição e que isso é identificado como algo global, com isso, a representação social decretada sobre a mulher brasileira que chega a Portugal é a de que ela trabalha no mercado do sexo.

Corroborando com essa representação, Padilla, Gomes e Fernandes (2010) afirmam que esse cenário de subalternidade, de exploração e de violência é atualizado nas relações entre portugueses e mulheres brasileiras migrantes em Portugal, mas também em outros países da Europa, que associam as mulheres brasileiras com a prostituição e o mercado do sexo.

Gomes (2013) alega que a mulher brasileira ainda é vista sobre um corpo colonial, no qual o sexismo e o racismo criam papéis e imaginários para as mulheres, sendo as brasileiras consideradas inferiores, subalternizadas, hipersexualizadas. O

⁶ Diário de campo, entrevista transcrita, junho de 2021.

⁷ Diário de campo, entrevista transcrita, julho de 2021.

corpo da mulher brasileira é colocado como um objeto de desejo, que possui um corpo voluptuoso, que chama atenção, se veste de forma vulgar e que possui desejos aflorados.

Relembrando a vivência na cidade de São Jorge de Oiapoque, Carla⁸ destaca: *“Eu via as mulheres passarem e os homens (principalmente policiais) faziam uma graça, falavam entre eles, em francês ‘essa é gostosa, essa já comi, já peguei’, para eles, essas palavras representam as mulheres brasileiras, principalmente as expressões vulgares”*.

A partir da fala das entrevistas realizadas e à luz das análises produzidas na seção anterior, compreende-se que as mulheres brasileiras são identificadas a partir de representações sociais que sexualizam seus corpos e comportamentos. Entende-se que a sexualização do corpo da mulher brasileira é identificada nos apelos sexuais às partes do corpo (como o bumbum, os seios e o formato do corpo, muitas vezes, usando a expressão “corpo violão”) ou ao comportamento corporal, o ato de gesticular, ser compreendida como simpática, fácil, disponível.

As representações sociais e os estereótipos formados a partir das representações sociais que sexualizam os corpos das mulheres brasileiras solidificam signos e referências à mulher que possui essa nacionalidade, especialmente aquelas que possuem essas características físicas e que são identificadas como a típica mulher brasileira, com seu modo de se comportar, de se vestir, de se relacionar (ALVES *et al.*, 2010).

Sobre essas afirmações, é interessante pontuar a vivência de Francisca⁹, que foi à França para um intercâmbio cultural, e percebeu essas representações sociais:

No primeiro mês do estágio cultural, eu convivia com outros jovens de várias idades entre 19 a 23 anos que participavam do intercâmbio, e nossos tutores eram mais velhos entre 28 a 30 anos, e lá eles comparavam os brasileiros, as mulheres principalmente. No intercâmbio, ao todo tinham três jovens brasileiros, um rapaz, uma outra moça e eu. Ela era loira, magra e alta, veio do Rio de Janeiro, eu sou preta, do cabelo preto, com o corpo mais marcado com esses fenótipos do que é ser brasileira. Então eles diziam que a outra menina não era brasileira, e eu, por ter o corpo assim mais violão, era de fato brasileira.

Essa história evidencia bem como a mulher brasileira, que possui fenótipos afro-indígenas, está mais suscetível a ser interpretada como as “verdadeiras”

⁸ Diário de campo, entrevista transcrita, junho de 2021.

⁹ Diário de campo, entrevista transcrita, setembro de 2021.

brasileiras, uma herança colonial, construída e perpetuada ao longo dos séculos no Brasil e no mundo.

Outra vivência de Francisca¹⁰ foi esta que ela relatou:

Tinha uma espécie de coordenadora, que era indiana, só que quando ela chegou já havia se passado duas semanas do começo das apresentações, das pessoas e tudo mais. Então, em um determinado momento que estávamos a sós, ela perguntou se eu tinha algum tipo de cirurgia, quando eu perguntei “por quê cirurgia?”, “Qual o sentido dessa pergunta?”, ela disse: “é porque você tem o bumbum grande, os seios grandes, seu corpo é tudo certinho”, e durante outros momentos, eu escutava o tempo todo que eu era de fato brasileira e que a minha amiga que era branca e loira não era.

Gomes (2018) traz dados sobre a memória do colonialismo português, analisando-os a partir da interseccionalidade entre gênero, raça e sexualidade. A autora ressalta “Mulher Brasileira” é, sobretudo, uma construção social, discursiva e performática, pautada em relações de poder e de subjetivação que são sempre reconstruídas. Então, o olhar colonial sobre os corpos dessas mulheres busca sempre as marcas de racialização e de sexualização pelo condicionamento que essas representações sociais possuem (GOMES, 2018).

Essa construção colonial sobre os corpos das mulheres brasileiras tem outros aspectos que também são observados, a dominação dos europeus colonizadores, a violência contra os corpos colonizados, seja de homens ou mulheres, indígenas ou negros. Até hoje, as representações sociais sobre os corpos das mulheres brasileiras estão voltadas para esse corpo colonial, que é visto como passível de ser subalternizado, explorado e violentado (LUGONES, 2014).

As falas transcritas das interlocutoras apontam as representações sociais que cercaram suas experiências de mobilidade internacional, ao serem vistas de forma sexualizada, erotizada por causa dessas representações sociais que veem seus corpos resgatando essa concepção colonial. Rodal *et al.* (2007), ao tratarem sobre as mulheres migrantes na Espanha, suas representações e vivências, indicam que uma mulher, ao estar em mobilidade, pode se tornar uma condição, um agravante para potencializar situações de violência física, em especial violências domésticas

Schwinn e Costa (2016) ressaltam que, no processo de mobilidade, migração e refúgio, meninas e mulheres são as que mais sofrem abusos com relação aos seus direitos humanos: assédio, ameaça, agressão, violência sexual, tráfico de mulheres,

¹⁰ Diário de campo, entrevista transcrita, setembro de 2021.

escravidão em locais de trabalho e impossibilidade de fazer contato com a família. E nessa lógica há uma série de vulnerabilidades que aponta que os sistemas internacionais de proteção aos direitos humanos são insuficientes.

Corroborando com isso, tem-se algumas experiências de Bianca¹¹, que experienciou duas situações de violência:

Eu estava em um quiosque lá na frente (orla da cidade de São Jorge), e um homem que sempre dava em cima de mim, e que sabia que eu era casada, chegou dizendo “quanto tu quer pra ficar comigo, 300 ou 500 euros?”. Eu disse que não queria e xinguei ele, nesse momento, ele disse que ia me bater, ia me dar um tapa. Mesmo estando em um quiosque com várias pessoas próximas.

Gomes (2013) em seu trabalho já havia apontado que as brasileiras imigrantes em Portugal, por meio da intersecção com o sexismo e do estigma da hipersexualidade, são vítimas de assédios, violências em espaços públicos e virtuais, muitas são acusadas de roubar o marido das portuguesas ou até mesmo de trazer doenças sexuais para portugueses. Todos esses apontamentos também foram observados nas entrevistas das interlocutoras, em especial nas experiências de Bianca.

Outra situação de violência decorrente do que havia acontecido na primeira história, também foi pautada nas representações sociais que existem das mulheres brasileiras, corroborando com os trabalhos de Hidair (2008) e Badet (2016a; 2016b) de que as representações sociais apontam as mulheres brasileiras como culpadas por acabar com relacionamentos entre homens e mulheres das sociedades receptoras, como nos casos desses trabalhos que mencionam a Guiana Francesa e a Espanha. A interlocutora Bianca¹² revela o seguinte:

Eu fui agredida pela esposa desse mesmo homem, por ciúmes do que ele havia feito. Mas ele não fazia só isso. Esse homem descobriu meu telefone e me ligava, mandava mensagens como: “eu te vi, você é linda”, “estou louco por você”, “eu tenho ciúmes de você”. Ele falava para os amigos dele que a gente namorava, mesmo ele sendo casado e eu nunca me envolvi com ele, ele só me via na rua. Após isso tudo, eu fui na Gendarme (corporação especial responsável por assegurar a ordem pública e a segurança na França e em outros países), fiz uma denúncia contra ela, essa mesma mulher não podia chegar perto de mim, e ela já possuía três denúncias, uma de roubo e duas de violência física. Eu só pude denunciar porque eu sempre entrei de Visa na Guiana. Um Visa de

¹¹ Diário de campo, entrevista transcrita, junho de 2021.

¹² Diário de campo, entrevista transcrita, junho de 2021.

três meses. E ela só fez isso porque ela pensou que eu não tinha a documentação adequada e ela poderia me bater e ficar por isso mesmo.

O que a interlocutora Bianca disse são os vários atravessamentos que uma mulher brasileira pode vivenciar fora do Brasil, como ser racializada, sexualizada a partir de imaginários que foram construídos ao longo dos anos. Nessa lógica, é possível perceber nos relatos das interlocutoras e na literatura utilizada na seção os impactos das representações que produzem significações sobre o corpo da mulher brasileira, carregando premissas, preconceitos e estereótipos.

Diante disso, utilizando o método de nuvem de palavras a partir do *software* Wordclouds, inspirado por Dorfman, França e Rocha (2016), foram apontadas pelas interlocutoras as principais representações sociais que em suas experiências de mobilidade internacional foram formas de identificar elas ou outras mulheres brasileiras.

Assim, cada interlocutora marcou pelo menos cinco das 16 representações sociais apontadas nas entrevistas. Então, foram catalogadas todas as palavras no *software* Wordclouds e, a partir do quantitativos de vezes que determinada palavra é apontada, ele gera um resultado entre maior e menor incidência. Assim, de acordo com a Figura 11, nota-se a maior incidência das representações sociais nas seguintes palavras: “Prostituta”, seguida de “interesseira”, “mulher fácil” e “simpática”.

Figura 11 – Nuvem de palavras das representações sociais mais marcadas pelas interlocutoras



Os apontamentos relacionados à “prostituta” aparecem em maioria geral pelas interlocutoras, evidenciando, mesmo em três países diferentes, como a Guiana Francesa, Portugal e França, com experiências diferentes, que as mulheres brasileiras são reconhecidas dessa forma. Isso reflete como os imaginários com relação às mulheres brasileiras são construídos e reafirmados por um *ethos* patriarcal e machista. Pode-se traçar um paralelo com a imagem de uma suposta sexualidade fácil e disponível das mulheres brasileiras (ALVES *et al.*, 2010).

Outros termos mais incidentes foram “interesseira”, “mulher fácil” e “simpática”. De acordo com Pontes (2004), a nacionalidade brasileira é vista por meio da cultura do Carnaval, da sexualidade, do culto ao corpo, mas também da pobreza, da violência e do subdesenvolvimento. Então, quando compreendidas como mulheres fáceis e interesseiras, esses dois parâmetros são correlacionados, apontando imaginários já percebidos na primeira seção de que a mulher brasileira seduz homens em busca de melhores condições de vida (HIDAIR, 2008).

O termo “simpática” no decorrer das entrevistas passa sempre como uma característica nata, como se as mulheres brasileiras se encontrassem nessa posição de mulher simpática. Denominar simpática ao longo das entrevistas, foi colocado como algo que essas interlocutoras veem como uma qualidade.

Em estudos prévios, a simpatia é colocada como uma das formas da brasilidade, mulheres comunicativas, dispostas a tratar os homens de forma agradável. Isso, no entanto, esconde uma subalternação já esperada nessas relações, em que o homem estrangeiro detém poder financeiro, ou outras lógicas de poder como documentação, residência, trabalho, e que espera que essa mulher esteja para lhe servir, lhe agradar (BADET, 2016b).

Como no relato de Ana¹³, com suas experiências em Caiena (capital da Guiana Francesa), denominada Guiana pela interlocutora: “Nós *brasileiras, aqui na Guiana e em São Jorge, para eles, nós somos especiais, somos simpáticas, mas também eles sempre dizem que a mulher brasileira é muito interesseira*”. Percebe-se que mesmo quando a interlocutora aponta que são simpáticas ou especiais, na verdade, isso esconde uma visão mais pejorativa dessas mulheres.

De acordo com as falas e os dados das interlocutoras, as representações sociais que sexualizam os corpos das mulheres brasileiras são perceptíveis nos seus

¹³ Diário de campo, entrevista transcrita, junho de 2021.

processos de mobilidades, no dia a dia, nas suas experiências com os nacionais da sociedade que se encontram. Ou nos detalhes, no jeito que olham para elas, no jeito que falam com elas, uma pergunta que pode chocar, pode humilhar como “Quanto você custa?”.

Ao refletir sobre como essas representações sociais impactaram a vida das mulheres brasileiras que estiveram em mobilidade internacional, é possível catalogar diferentes situações. Badet (2016b) analisou os problemas enfrentados pela diáspora brasileira relacionados às questões de gênero e de sexualidade e dividiu em categorias os principais impactos: agressões e preconceitos, imagem estereotipada que prejudica a convivência social e assédio sexual.

Essas representações sociais com relação à nacionalidade brasileira passam a constituir um fator de vulnerabilidade no processo de mobilidade internacional, e dentro das motivações há uma série de fatores de ordem não econômica e que possui relevância, como os condicionamentos de gênero na sociedade receptora, os estereótipos culturais em relação ao papel da mulher no lugar de chegada.

No entanto, a compreensão das representações sociais que sexualizam os corpos e os comportamentos das mulheres brasileiras não são compreendidos como fatores externos, mas internos, pois foram construídos tão intrinsecamente que tornaram o não familiar em familiar, já que apontam e enfatizam que essas representações sociais são tidas como natas das mulheres brasileiras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria das Representações Sociais traz a este trabalho um norte para se pensar como as representações sociais são construídas dentro da sociedade, seu papel, suas características e trouxe à temática a oportunidade de compreender a correlação entre os imaginários, as representações sociais e os impactos dessa congruência.

Percebe-se que as representações sociais são construídas por meio de imaginários, de pensamentos, de ideias que ganham formas, estruturas e redes, e se conectam. As representações sociais ligam uma ideia a uma imagem e, a partir dessas construções, é possível construir comunicações. No tocante às representações sociais sobre as mulheres brasileiras, as construções se deram de início pelos imaginários do colonizador.

A colonização pela qual o Brasil foi submetido foi marcada por explorações e violências contra populações compreendidas como inferiores, como os indígenas e a população negra trazida pelo escravismo colonial. Nessa lógica, os imaginários pautados na estrutura colonial transformaram os nativos e os negros em seres exóticos, subalternos, compreendidos quase como animais, já que eram submetidos a diversas violências, explorações e barbáries.

Com isso, as mulheres indígenas e as negras escravizadas também eram colocadas nesse fundamento pelo colonizador, que as violentou física e sexualmente, assim, ao longo do tempo, foi sendo construída uma ideia de naturalidade, uma percepção de que essas relações entre colonizadores e colonizadas eram naturais, como a ordem de poder e exploração que existia.

A exploração do corpo de mulheres brasileiras, as marcas da colonialidade, a racialização, as concepções pautadas em uma sexualização, a disponibilidade para o sexo, a erotização de seus corpos e comportamentos foram ganhando formas, imagens e referências. Essas características das mulheres brasileiras passaram a ser vistas como natas delas, e é essa a estrutura que as representações sociais induzem, fazem com o que não é familiar se torne familiar.

Assim as representações sociais sobre os corpos das mulheres brasileiras se tornaram marcadas por uma sexualização exacerbada. Os discursos sobre essas mulheres são ligados a uma sensualidade, à tropicalidade, à disponibilidade sexual, inúmeras vezes relacionadas à prostituição, associando essas representações à

nacionalidade brasileira. Essas representações foram construídas desde o processo de colonização, mas foram exportadas pelos grandes meios de comunicação, vendidas por meio da literatura, dos filmes, das novelas e das letras de música.

Nessa lógica, as representações sociais construídas sobre as mulheres brasileiras constituíram crenças e valores. Diversos foram os tipos de divulgação distorcida dentro e fora do Brasil, e a mídia tem papel central nessa estruturação, na qual as mulheres brasileiras ainda são vistas a partir de um corpo colonial, legitimado ao longo de tantos anos.

Para exemplificar, foram ressaltadas no Capítulo 1 as publicações de revistas, propagandas elaboradas pelas mídias no Brasil e também na Espanha, em Portugal e em diferentes países relacionando a mulher com nacionalidade brasileira a uma sexualidade afluída, as imagens fomentam sempre os corpos, as características físicas bem marcadas com uma conotação sexual e, principalmente, o bumbum grande como marca da brasilidade.

Alguns atravessamentos fomentam essas concepções sobre as mulheres brasileiras, por causa de uma racialização e da hipersexualização de corpos negros que relacionam a sexualidade exacerbada sobre os corpos das mulheres brasileiras a sua cor e a sua nacionalidade. Com isso, foi construída no cenário internacional uma categoria denominada “Mulher Brasileira” que é vista a partir de estereótipos físicos e comportamentais específicos, como sensualidade, simpatia, ser considerada uma mulher vulgar, disposta e disponível ao sexo e, muitas vezes, relacionada à prostituição.

Ao estarem em mobilidade internacional, mulheres brasileiras se deparam com as construções de representações sociais que sobrepõem marcadores de gênero, de classe e de nacionalidade. A sexualização da mulher brasileira está enraizada em muitas estruturas da sociedade, e é no contexto fora do Brasil que se percebe a vulnerabilidade que essas representações causam.

Por isso, tratar sobre a mobilidade internacional de mulheres brasileiras e os impactos das representações sociais sobre seus corpos é de grande relevância sobre os debates dos estudos de fronteiras. Ao tratar de marcadores como gênero, racialização e nacionalidade, estudos promovem novas perspectivas sobre a compreensão de mulheres que decidem estar em mobilidade.

Diante do que foi exposto, ressalta-se que a escolha do trabalho de campo se iniciou nas relações de interação histórica, econômica e social entre a região da

Guiana Francesa e do Brasil, por esta ser uma área fronteira com diferentes especificidades no que diz respeito às inter-relações e às representações construídas sobre homens e mulheres brasileiros, franceses, guianenses e caribenhos.

O resultado do trabalho de campo realizado para este Relatório Técnico, questionário aplicado a seis mulheres brasileiras que vivenciaram uma experiência de mobilidade internacional, cada qual em três diferentes países: a Guiana Francesa, Portugal e França, mostrou, pelos discursos das interlocutoras, que ser identificada a partir de representações sociais que sexualizam seus corpos e condutas pode gerar situações de preconceitos e de humilhações, além de ameaças, agressões, assédios. Tudo isso provoca uma certa dificuldade na sociabilidade por causa dessa imagem estereotipada.

Além disso, é preciso apontar os impactos indiretos que são apresentados por meio da literatura, como a dificuldade em fazer amigos, de conseguir emprego e até mesmo na busca por estadia na sociedade receptora, e as escolhas de vestir roupas mais fechadas e não chamar tanta atenção com relação ao corpo.

Sendo assim, este Relatório Técnico, a partir da hipótese inicial, buscou mostrar como, ao longo da história do Brasil, foram produzidas representações sociais sobre as mulheres brasileiras, apoiadas nos imaginários produzidos pelos colonizadores portugueses que colocam essa mulher a partir de um viés colonial, fomentando relações de poder, condicionando sobre seus corpos marcadores de racialização e de sexualização pela sua nacionalidade.

Esses impactos são os exemplos das vulnerabilidades que cercam as mulheres brasileiras em seus projetos de mobilidade internacional, que, pelo fato de carregarem a nacionalidade brasileira, são vistas de forma inferior. Trazer esse debate à tona, compreendendo que essas representações foram construídas, se torna uma nova perspectiva para essa situação.

No entanto, mesmo com base nessa construção, não é tão simples transformá-la, já que essas representações sobre os corpos das mulheres brasileiras estão desde os primeiros documentos oficiais da colonização brasileira, como foi visto. Por isso, as representações sociais que sexualizam as mulheres brasileiras precisam ser expostas a partir de um viés de não familiaridade, assim como destacado neste Relatório Técnico, para que, assim, os impactos que essas representações sociais induzem não sejam tratados como situações isoladas.

A proposta deste trabalho foi em um primeiro momento trazer à tona um problema que existe e é interpretado sem todo o contexto que o ratifica ao longo dos anos. E este Relatório Técnico cumpre essa primeira proposta ao demonstrar que essas representações sociais sobre os corpos das mulheres existem e estão presentes em todo o cenário que envolve mobilidades de mulheres brasileiras no mundo.

Com base no que foi discorrido neste Relatório Técnico, buscou-se mostrar a afluência dos temas sobre representações sociais, mobilidades internacionais de mulheres brasileiras e os impactos dessas representações sociais no que tange ao contexto fronteiro entre Brasil e Guiana Francesa, como todo o cenário internacional.

A contribuição deste Relatório Técnico é compreendida primeiro pela sua pertinência sobre os estudos migratórios e de gênero que trazem outros parâmetros para as discussões acadêmicas, corroborando com novas perspectivas para se pensar as interações Brasil e Guiana Francesa e Oiapoque e São Jorge.

Destaca-se, ainda, seu caráter multidisciplinar, trazendo um aporte técnico e científico para a comunidade amapaense, em especial para os órgãos de promoção de políticas públicas, como a Assembleia Legislativa do Amapá pela Comissão de Relações Exteriores (CRE). Com enfoque no combate à violência, ao tráfico, à prostituição e à oferta viável de serviços de saúde para as mulheres que vivem na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa.

Além disso, se prevê a divulgação deste documento em diferentes órgãos estatais e internacionais presentes na região das Guianas, complexo do qual fazem parte Brasil, Guiana Francesa-França, Suriname, República da Guiana e Venezuela. E como foco, há as prefeituras, as organizações internacionais e os consulados.

A divulgação é uma das formas de possibilitar o acesso tanto ao documento quanto à temática abordada e de trazer para o âmbito do debate dos estudos de fronteiras como as mulheres brasileiras são compreendidas e as diversas violências às quais são submetidas ao carregar em seus corpos trejeitos, escolhas e tantas representações sociais que a vulnerabilizam. Mesmo que historicamente temáticas como essas se apresentem de forma incipiente ou marginalizada, este relatório técnico apresentou, demonstrou e evidenciou que há um problema em todas essas questões e que esses problemas precisam ser vistos, essas mulheres precisam ser ouvidas.

Compreender que essas representações sociais que sexualizam os corpos das mulheres brasileiras não são naturais significa trazer novas prerrogativas para se olhar os diversos impactos que elas causam, e não ignorar as dores, os medos, as violências que diversas mulheres brasileiras passam em seus projetos de mobilidade e, sobretudo, em seus projetos de vida.

REFERÊNCIAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro; Brasília, DF: José Olympio, 1993.
- ALVES, Charles dos Reis *et al.* Ethos Literário da Mulher Brasileira e Turismo Sexual. *In*: VII SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 7., 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010. p. 1-15.
- ARAGÓN, Luís E. **Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar**: cinco temas para debate. São Paulo: Hucitec, 2013.
- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, [on-line], n. 117, p. 127-147, 2002. E-pub 30 maio 2003. ISSN 1980-5314. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- ASSIS, Gláucia Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre: a mulher brasileira. **Cadernos Pagu**, [s.l.], v. 1, n. 63, p. 1-22, out. 2021. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449202100630006>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- BADET, Maria. A prevalência de imaginários estereotipados do Brasil no exterior e o papel das mídias na sua manutenção. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [on-line]. v. 24, n. 46, p. 59-75, 2016a. ISSN 2237-9843. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004605>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- BADET, Maria. **La construcción del imaginario social de la mujer brasileña y de Brasil en España**: análisis de la recepción mediática junto a estudiantes de 4º ESO de Barcelona, Sabadell y Sitges. 2011. 190p. Tese (Doutorado) – Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2011.
- BADET, Maria. Problemáticas de gênero e sexualidade da diáspora brasileira: análise junto à sociedade civil organizada. **Cadernos OBMigra – Revista Migrações Internacionais**, [s.l.], v. 2, p. 111-133-133, 2016b.
- BASTOS, Pâmela. **A Erotização Feminina no Carnaval do Rio de Janeiro como Exercício de Soft Power**: um estudo de caso da personagem Globeleza da rede globo. 2021. 76f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Turismo e Comunicação, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/48926>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Programa de Promoção de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília, DF: Secretaria de Programas Regionais, 2009. Disponível em: <http://ois.sebrae.com.br/publicacoes/2970-2/>. Acesso em: 3 set. 2019.
- CAMARGO, Brígido Vizeu *et al.* As funções sociais e as representações sociais em relação ao corpo: uma comparação geracional. **Temas em Psicologia**, Santa Catarina, v. 19, p. 269-281, 2011. (Trimestral)

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Imigração e Refúgio no Brasil: Relatório Anual 2020**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

CHEIBUB, Bernardo Lazary. Mobilidades, Espaços e Relações Sociais: uma breve análise do filme *up in the air*. **Revista de Cultura e Turismo**, Bahia, v. 12, n. 2, p. 196-210, fev., 2014. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur>. Acesso em: 17 fev. 2022.

CORREIA, Cristina; NEVES, Sofia. Uma Abordagem às Representações, Preconceitos e Estereótipos Sociais: ser brasileira em Portugal. In: ACTAS DO VII SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA, 7., 2010, Portugal. **Anais** [...]. Portugal: Universidade do Minho, 2010. p. 378-392. Disponível em:

https://www.academia.edu/986826/Ser_Brasileira_Em_Portugal_Uma_Abordagem_%C3%80s_Representa%C3%A7%C3%B5es_Preconceitos_e_Estere%C3%B3tipos_Sociais?from=cover_page. Acesso em: 25 out. 2021.

DORFMAN, Adriana; FRANÇA, Arthur Luna Borba Colen; ROCHA, Rafael Port da. Dinâmicas temáticas, disciplinares, espaciais e temporais dos Estudos Fronteiriços no Brasil: teses e dissertações (2000-2014). **Anuário Unbral das Fronteiras Brasileiras**, [s./], Editora Letra 1, v. 3, p. 11-50, 31 jul. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21826/2525-913x-2016-3-p.11-50>. Acesso em: 17 fev. 2022.

DUARTE, Geraldine Rosas. Guiana Francesa: uma análise geo-histórica. **Confins**, [s./], v. 6, n. 28, p. 1-18, 22 set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.11072>. Acesso em: 17 fev. 2022.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio Piatti. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s./], n. 123, p. 121-142, dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.11193>. Acesso em: 17 fev. 2022.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51. ed., rev. São Paulo: Global, 2006. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil)

GANGER, Stéphane. Guiana francesa, um território europeu e caribenho em via de “sul-americanização”? **Confins**, [s./], v. 4, n. 4, p. 1-11, 7 nov. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/5003?lang=pt#quotation>. Acesso em: 17 fev. 2022.

GLOBO.COM. **Memórias da Globo**. Por Adriana Pizzotti, Gshow. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/valeria-valenssa-reflete-sobre-a-chegada-aos-50-anos-me-acho-mais-bonita-do-que-antes.ghtml>. Acesso em: 16 fev. 2022.

GOMES, Mariana Selister. Gênero, Colonialidade e Migrações: uma análise de discursos institucionais sobre a “Brasileira Imigrante” em Portugal. **Política e Sociedade**, [s./], v. 17, n. 38, pp.404-439, 2018.

GOMES, Mariana Selister. O imaginário social “Mulher Brasileira” em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. **Dados**, [on-line]. v. 56, n. 4, p. 867-900, 2013. E-pub 12 fev. 2014.

ISSN 1678-4588. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000400005>. Acesso em: 12 fev. 2022.

HIDAIR, Isabelle. Imigração brasileira na Guiana: entre elucubrações e realidade. **Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia**, [s.l.], n. 24, p. 127-143, jan.-jun., 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/1958588/Imigra%C3%A7%C3%A3o_brasileira_na_Guiana_entreelocubra%C3%A7%C3%B5es_e_realidade. Acesso em: 26 set. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estados**: Oiapoque. [S.l.]: IBGE, 2021. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/oiapoque.html>. Acesso em: 17 fev. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2018. Elaboração do texto Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 17 fev. 2021.

INSEE – INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. **Insee Flash Guyane n. 146**. 2021a. Elaborado por Institut National de La Statistique Et Des Études Économiques. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/6012651>. Acesso em: 17 fev. 2022.

INSEE – INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. **Nationalité et immigration en 2018**: recensement de la population. Paris: Insee, 2018. 5p. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/5395871?sommaire=5395920>. Acesso em: 17 fev. 2022.

INSEE – INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. **Rapport sur l'économie 2020**: Guyane France. 14. ed. Guyane: Insee, 2021b. 12p.

JODELET, Denise. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Revista Sociedade & Estado**, [s.l.], v. 33, n. 2, maio-ago., 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00423.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

JODELET, Denise. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Soc. Estado**, Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 423-442, ago., 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000200423&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 out. 2020.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. *In*: JODELET, D. (ed.) **Les représentations sociales**. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti, Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. Paris: PUF, 1993. p. 31-61.

JODELET, Denise. **Representações Sociais**: e mundos de vida. Curitiba: Pucress, 2017. 544p. (Edição de Nikpos Kalampalikis)

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é Imaginário**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. 66p. E-book.

LISBOA, Teresa K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 3, n. 15, p. 805-818, 2007.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 19 set. 2014. Quadrimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MACCALI, Nicole *et al.* História de uma vida: uma possibilidade metodológica de pesquisar os aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão. *In: XXXVII ENCONTRO DA ANPAD*, Rio de Janeiro, RJ, setembro de 2013. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

MANTOVANI, Flávia. No passado, Brasil já teve material oficial de turismo com apelo sexual. **G1 São Paulo**, São Paulo, 27/02/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>. Acesso em: 2 jul. 2019.

MARINUCCI, Roberto. Feminização das Migrações? **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana – Remhu**, Brasília, DF, v. 15, n. 29, p. 1-14, jun. 2007. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/55>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MIRANDA, D. C. B.; MARTINS, C.C. Erotização e Sexualização do Corpo: representações sociais da mulher brasileira. **Gênero na Amazônia**, [s.l.], v. 9, p. 131-145, 2020.

MORIGI, V. J. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-Compós**, [s.l.], v. 1, 2004. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/9>. Acesso em: 7 jan. 2022.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Editado em inglês por Gerard Duveen, traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse**: son image et son public. 2. ed. França: Presses Universitaires de France, 1976. 504p.

MOTA-RIBEIRO, S. Corpos Visuais – imagens do feminino na publicidade. *In: MACEDO, A.; GROSSEGESSE, O. (ed.) Representações do Corpo, Coleção Hispérides – Literatura Braga*. [S.l.]: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2003. p. 115-132.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Entre mouras encantadas e encantados da Amazônia: uma abordagem decolonial. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, [on-line], v. 22, n. 39, p. 77-84, 2020. E-pub 8 maio 2020. ISSN 2596-304X. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2596-304X20202239mgcn>. Acesso em: 12 fev. 2022

OBMigra – OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. **Resumo Executivo – Relatório Anual 2020**. OBMigra, 2020. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20_Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf. Acesso em: 17 fev. 2022.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Feminização das Migrações nas Fronteiras da Amazônia**. Florianópolis: Women's Worlds, 2017. 9p. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503857327_ARQUIVO_FEMINIZACAODASMIGRACOESNASFRONTEIRASDAAMAZONIA.pdf. Acesso em: 17 fev. 2022.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [on-line], v. 19, n. 55, p. 180-186, 2004. Epub 9 maio 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000200014>. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000200014>. Acesso em: 12 jan. 2022.

PADILLA, Beatriz. Brasileiras en Portugal: de la transformaci3n de las diversas identidades a la exotizaci3n. **Am3rique Latine Histoire et M3moire. Les Cahiers ALHIM**, [en l3nea], v. 14, 2007. Disponível em: URL:<http://journals.openedition.org/alhim>. Acesso em: 29 set. 2021.

PADILLA, Beatriz; GOMES, Mariana; FERNANDES, Gleiciani. Ser Brasileira em Portugal: Imigraç3o, G3nero e Colonialidade. In: SEMIN3RIO DE ESTUDOS SOBRE IMIGRAÇ3O BRASILEIRA NA EUROPA, 1., 2010, Barcelona. **Anais [...]**. Barcelona, 2010.

PERES, Roberta G. As mulheres na migraç3o internacional: as diferenç3as nas estrat3gias de homens e mulheres ao longo da trajet3ria migrat3ria. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS – ABEP, XIV. 20-24 de setembro de 2004, Caxambu, MG. **Anais [...]**. Caxambu, MG, 2004. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1462/1427>. Acesso em: 27 set. 2019.

PINTO, Estev3o. **Casa-Grande & senzala em quadrinhos**. 2. ed. Adaptaç3o de Gilberto Freyre, Ilustraç3o Ivan Wash Rodrigues, Colorizaç3o de Noguchi. S3o Paulo: Global, 2005. 65p.

PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na m3dia portuguesa. **Cadernos Pagu**, [on-line]. n. 23, p. 229-256, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200008>. Acesso em: 17 fev. 2022.

QUINTAS, F3tima. **Sexo a Moda Patriarcal**: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre. Brasil: Global, 2008.

REIS, M. de O. O pacto narc3sico da casa-grande: a representaç3o das mulheres negras a partir de L3lia Gonzalez e Gilberto Freyre. **Humanidades em Di3logo**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 93-101, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-7547.hd.2019.154274. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/154274>. Acesso em: 12 fev. 2022.

REIS, S3lvia *et al.* **Relat3rio de Imigraç3o, Fronteiras e Asilo 2020**. Barcarena; Oeiras: SEF/GEPF, 2020. Disponível em: <http://www.sef.pt>. Acesso em: 12 fev. 2022.

REVISTA FOCUS. Brasil, Editora Hubert Burda Media, v. 5, ago. 2010. Mensal.

REVISTA VICE. **Imagem encontrada no site da revista VICE**, [s.l.], v. 3, ano 2007. <https://www.vice.com/en/article/4w85gb/thats-just-asinine>. Acesso em: 10 fev. 2022.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Tropicalismo e Europeísmo: modos de representar o Brasil e a Argentina. *In*: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (org.). **Argentinos e Brasileiros**: encontros, imagens e estereótipos. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 2-19. (Série Antropologia). Disponível em:

<http://dan.unb.br/danproducaocientifica/serieantropologia>. Acesso em: 2 fev. 2022.

RODAL, Bernárdez *et al.* (org.). **Mujeres inmigrantes en España**: representaciones en la información y percepción social. Madrid: Editorial Fragua, 2007. 290p.

RODRIGUES, Francilene S.; VASCONCELOS, Iana S. Migração, Gênero e Empoderamento das Migrantes na Pan-Amazônia. *In*: SEMINÁRIO SOCIEDADE E FRONTEIRAS: AS FRONTEIRAS DA INTERDISCIPLINARIEDADE E A INTERDISCIPLINARIDADE DAS FRONTEIRAS, v. I, p. 326-353, 2010. **Anais [...]**. [S.l.], 2010.

ROMANI, Carlos. A história entre o oficial e o lendário: interações culturais no Oiapoque. **Antíteses**, Londrina, PR, v. 3, n. 5, p. 145-169, jan.-jun., 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revista/uel/index.php/antiteses> Acesso em: 20 jan. 2020.

SANTOS, Claudiene Reis dos. O corpo da mulher brasileira na obra de Gilberto Freyre. **Café com Sociologia**, Alagoas, v. 3, n. 2, p. 95-108, maio, 2014. (Semestral)

SCHWINN, Simone Andrea; COSTA, Marli Marlene Moraes da. Mulheres Refugiadas e Vulnerabilidade: a dimensão da violência de gênero em situações de refúgio e as estratégias do acnur no combate a essa violência. **Revista Signos**, [s.l.], v. 37, n. 2, p. 216-234, 23 dez. 2016. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1100>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SETTON, Maria Graça Jacintho. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**, [on-line], v. 37, n. 4, p. 711-724, 2011. E-pub 15 dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400003>. Acesso em: 12 fev. 2022.

UN DESA – DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DAS NAÇÕES UNIDAS. **Estoque de migrantes internacionais**. 2019. Disponível em: <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>. Acesso em: 8 nov. 2021.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

APÊNDICE A – Entrevistas para Mulheres que Viveram uma Experiência de Mobilidade Internacional

Data:

SEÇÃO 1 – SOCIODEMOGRÁFICA

Idade:

1.2 Segundo a classificação do IBGE, você se declara como:

Amarela [] Branca [] Indígena [] Parda [] Preta []

1.3 Qual seu estado civil?

[] Solteiro(a) [] Casado(a) [] Viúvo(a) [] União estável

1.4 Escolaridade: () sem escolaridade () Ensino Fundamental () Ensino

Médio () Graduação () especialização () Mestrado () Doutorado

1.5 Qual seu trabalho/ocupação atualmente? Sem ocupação [] Estudante []

Autônoma [] Professora [] Outros {Qual}:

SEÇÃO 2 – MEMÓRIAS

2 Quando ocorreu sua experiência de mobilidade internacional? (Ano) (de 2010 a 2020)

2010 [] 2011 [] 2012 [] 2013 [] 2014 [] 2015 [] 2016 [] 2017 [] 2018 [] 2019 []

2020 []

2.1 Por quanto tempo você permaneceu em mobilidade internacional?

Um mês [] 2 meses [] 3 meses [] mais ou igual a 4 meses [] outro/quanto tempo?

2.2 Qual país você viveu uma experiência de mobilidade internacional de pelo menos um mês?

Guiana Francesa [] França [] Portugal [] outro/qual:

2.3 Por qual motivo você viveu essa experiência de mobilidade internacional?

Trabalho [] Estudos [] intercambio [] férias [] buscar melhores condições de vida [] outros-quais:

2.4 Desse conjunto de palavras, quais você acredita que são formas de representação social do corpo da mulher brasileira conhecidas internacionalmente? Marque no mínimo 5.

Seios fartos	Sexy	Bumbum grande
Mulher fácil	Corpo sensual	Vulgar
Interesseira	Bumbum brasileiro	Calcinha Brasileira
Biquíni brasileiro	Depilação à brasileira	Gostosa
Boca carnuda	Corpo violão	Outros/quais:
Prostituta	Simpática	

2.5 Durante a sua experiência de mobilidade internacional, você viveu algum tipo de situação no qual o seu corpo foi julgado por essas representações sociais frente à sua nacionalidade?

	Sim	Não
Percebeu olhares insistentes para seu corpo?		
Recebeu cantadas, convites ou falas de forma impertinente?		
Foi tratada de forma grosseira ou desrespeitosa por saberem de sua nacionalidade?		
Você preferia usar roupas maiores e que não marcassem o seu corpo?		
Preferia sair acompanhada do que sozinha?		

2.6 Outras situações, exemplo detalhado:

2.7 Quando essas situações aconteceram, você estava sozinha ou acompanhada por alguém (amiga, namorado (a), marido, esposa, pais)?

Sozinha [] Acompanhada [] Ambos []

2.8 Em relação aos impactos dessas Representações Sociais frente aos corpos das mulheres brasileiras, durante sua mobilidade internacional:

	Sim	Não
Sentiu dificuldade em fazer amigos?		
Sentiu dificuldade em conseguir empregos?		
Sofreu preconceitos ou discriminações em lugares públicos?		
Sofreu preconceitos ou discriminações no ambiente de trabalho/estudo?		
Você sentia medo em falar qual era a sua nacionalidade?		